

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
CURSO DE HISTÓRIA BACHARELADO

MATILDE SODRÉ COQUEIRO

BAR DO LÉO: lugar de memória e sociabilidade na São Luís do tempo presente

SÃO LUÍS-MA
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
CURSO DE HISTÓRIA BACHARELADO

MATILDE SODRÉ COQUEIRO

BAR DO LÉO: lugar de memória e sociabilidade na São Luís do tempo presente

Monografia Apresentada Como Requisito Para a
Obtenção da Graduação em História Bacharelado
Orientadora: Prof^a. Dra. Marcia Milena Galdez
Ferreira

SÃO LUIS-MA
2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

COQUEIRO, MATILDE SODRÉ.

BAR DO LÉO: lugar de memória e sociabilidade na São
Luís do tempo presente / MATILDE SODRÉ COQUEIRO. - 2017.
83 f.

Orientador(a): MÁRCIA MILENA GALDEZ FERREIRA.
Monografia (Graduação) - Curso de História,
Universidade Federal do Maranhão, UFMA, 2017.

1. Bar do Léo. 2. Boêmia. 3. Lazer. 4. Lugar de
Memória. 5. São Luís. I. FERREIRA, MÁRCIA MILENA GALDEZ.
II. TÍTULO.

MATILDE SODRÉ COQUEIRO

BAR DO LÉO: lugar de memória e sociabilidade na São Luís do tempo presente

Monografia Apresentada Como Requisito Para a
Obtenção da Graduação em História Bacharelado
Orientadora: Prof^a. Dra. Marcia Milena Galdez
Ferreira

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Marcia Milena Galdez Ferreira (Orientadora)

2º EXAMINADOR

3º EXAMINADOR

*In memoriam a Alzenir Santos Sodré,
que me ensinou até quando pôde
o que era apreciar uma boa música..*

Aos boêmios do Bar do Léo.

AGRADECIMENTOS

Deveria ser a página mais prazerosa de redigir, mas o medo de não contemplar a todos me deixa um pouco apreensiva. E o trabalho piora por se ter um tempo extenso entre o início da minha vida acadêmica e o término da mesma. Durante esses 11 anos na Universidade Federal do Maranhão - UFMA (frequentando ou não) passaram muitas pessoas importantes e necessárias na minha vida. Muitos permanecem, uns com mais frequência que outros. Mas o momento é o hoje. Por isso vou evitar citar nomes – aqui não é nenhum Show da Xuxa – porém, cada um sabe a importância e o espaço que os coloco na minha vida.

Começo agradecendo primeiramente a Deus, essa figura Divina necessária na minha vida para eu seguir em frente em todas as minhas decisões, pois é Nele que encontro a fé e a fortaleza para não desistir.

Gostaria de agradecer aos professores de Departamento de História da UFMA, principalmente os da época em que eu era estudante assídua, quando muitos se tornaram amigos e companheiros de boemia. Em especial a Prof^a. Dra. Regina Faria que foi/é uma das conquistas mais gratificantes ao longo da minha vida acadêmica. Professora, amiga e *mamis* (apelido carinhoso), obrigada por ter me dado a oportunidade de crescer, sendo sua bolsista. Ali obtive meu primeiro contato com “história oral”, o que veio me ajudar, depois de 8 anos, na realização deste trabalho.

Agradeço, do fundo do meu coração, a Leonildo Peixoto Martins, que permitiu que eu fizesse parte de sua vida, entre vários momentos, felizes e tristes, durante esses mais de 12 anos de convivência. Obrigada por me permitir fazer parte da vida da sua família e do seu mundo dentro do bar e por me permitir a construção deste trabalho. Obrigada Jandira Moura, por dividir comigo as conquistas e aflições que envolvem o *Bar do Léo* e o próprio Léo e suas filhas. Obrigada por me acolher em sua família.

A Marcia Milena Galdez Ferreira, que acreditou em mim, mesmo quando eu não acreditei, sendo durante esses seis meses mais professora que amiga. Agradeço, ainda, por, apesar de não termos contato acadêmico anteriormente, ter coragem de aceitar a orientação desse trabalho. Obrigada, ainda, por sugerir o *Bar do Léo* como objeto de estudo.

Ao meu pai, Ivaldo Aguiar Coqueiro, que ao longo desses anos puxava a orelha da sua anjinha e cobrava o trabalhado de conclusão de curso. Costumo brincar e dizer que meu pai só não me expulsou de casa, porque não moro mais com ele. Pelo menos agora posso voltar para casa.

A minha irmã, Lenir Sodré Coqueiro, por estar sempre do meu lado e me apoiar sempre, principalmente me emprestando Maria Elis e Thiago, meus sobrinhos, como válvula de escape, quando sentia minhas crises existenciais.

Agradeço a minha família Sodré por ter ajudado a cultivar e fortalecer meu gosto musical, ensinado pela minha mãe, Alzenir Santos Sodré (*in memoria*), e por vocês, durante minhas férias, quando criança, e hoje, nos encontros de família.

A minha amiga Elba Fernanda Mota, que também apoiou e incentivou a realização deste trabalho, dando ideias, ajudando no planejamento, indicando leituras e acompanhando a escrita.

Aos orientandos do grupo RHIMAS (Religião e Religiosidades: História, Memória e Antropologia Social) da UEMA, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Marcia Milena Galdez, que me acolheram durante esse período de escrita, me fazendo lembrar como era o ambiente acadêmico, com reuniões de grupo, leituras e trocas de informações.

Agradeço a Fernando Junior, hoje meu chefe, por ter ajudado na realização desse trabalho, uma vez que algumas entrevistas foram feitas em horário de trabalho, muito da construção desse texto foi feito no escritório, me permitindo, inclusive, produzir em casa, durante a semana. Não esquecendo também que, foi através do suor desse emprego, que eu custeei muitas das farras no *Bar do Léo*.

Aos entrevistados que contribuíram para a realização desse trabalho, conhecendo pessoas novas e significativas.

Agradeço também a banca avaliadora desse trabalho, Josenildo Pereira e Maria da Gloria Correia, por saber que será possível, a partir de suas observações, abrir outros caminhos para este trabalho monográfico.

E por que não agradecer à boemia? A boêmia me trouxe e continua trazendo amigos e colegas. Ela me faz viver e reviver momentos bons ou ruins. Ela me

acompanha, às vezes de forma silenciosa, outras vezes avassaladora. Feliz é aquele que sabe aproveitá-la.

*“Amigo eu nunca fiz bebendo leite.
Amigo eu não criei bebendo chá.
Eu sou da madrugada, me respeite.
Eu sei a hora de ir trabalhar”.*
(Toda Hora - Toninho Geraes)

*“Ah! Uma senhora chegou aqui e
perguntou pra mim se tinha wi-fi.
Eu perguntei pra ela: canta o que?
Eu faço assim de besta pra passar,
porque eu não tenho nada de besta.”*
(Leonildo Peixoto Martins, 2017)

RESUMO

Este trabalho monográfico pretende discutir a formação, ressignificação e consolidação do *Bar do Léo* como espaço de boemia e lazer, frequentado por sujeitos apreciadores de boa música na cidade de São Luís, no tempo presente, e trabalhar alguns aspectos da biografia de seu proprietário e idealizador. As entrevistas realizadas com frequentadores do *Bar do Léo* são a principal fonte para a escrita do trabalho. Utilizo o conceito de lugar de memória para compreender sua instituição ao longo de quase quatro décadas.

Palavras-chave: Bar do Léo, Lugar de Memória, Lazer, Boemia, São Luís.

ABSTRACT

The following academic research is about formation, redetermination and consolidation of Bar do Leo, as a entertainment and bohemian spot attended by people who is appreciating good music in São Luiz city, as well as study biographic aspects of it's owner and mentor. The interviews made to Bar do Leo's daily costumers are the main tool for it's academic written research. In order to understand its commercial institution it is used about fourty years the concept of place and memory to comprehended.

Keywords; Bar do Léo, Lugar de Memória, Lazer, Boemia, São Luís.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01: Parte da coleção de CDs, exposta no Bar do Léo	p. 28
Figura 02: Parte da coleção de LPs, exposta no Bar do Léo	p.28
Figura 03: Entrada principal do Bar do Leo	p.32
Figura 04: Pintura antiga da parede, na parte interna do bar	p.32
Figura 05: Painel completo com quadros, pinturas, fotos, homenagens, livros	p.35
Figura 06: Painel liso por conta das goteiras provocadas pela reforma	p.35
Figura 07: Painel em construção	p.35
Figura 08: Publicação feita pelo jornalista humorista José Simão, para o portal Uol Notícias	p.36
Figura 09: Carro de boi, carregando vários LPs	p.43
Figuras 10: Registro de alguns sambas que aconteceram no Bar do Léo ao longo do primeiro semestre de 2017	p.45
Figura 11 Registro de alguns sambas que aconteceram no Bar do Léo ao longo do primeiro semestre de 2017	p.45
Figura 12: Registro de alguns sambas que aconteceram no Bar do Léo ao longo do primeiro semestre de 2017	p.45
Figura 13: Registro de alguns sambas que aconteceram no Bar do Léo ao longo do primeiro semestre de 2017	p.45
Figura 14: Cliente no extenso balcão do Bar do Léo, tomando cerveja e lendo um livro	p.50
Figura 15: Cliente no Bar do Léo, domingo pela manhã, olhando a movimentação da feira	p.50
Figura 16: Domingo na Feira do Vinhais	p.56

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	p.14
2 . CAPITULO 01: “<i>Eu quero uma casa no campo, onde eu possa compor muitos rocks rurais</i>”: museu <i>Bar do Léo</i>	p.28
2.1- “<i>É proibido dançar. É proibido beijar</i>”: bar é bar, cabaré é cabaré	p.35
2.2- Custo e benefício: quanto vale uma cerveja no <i>Bar do Léo</i>?	p.39
2.3- O samba do carro de boi: o domingo de samba no <i>Bar do Léo</i>	p.43
2.4- <i>Bar do Léo: lugar de memória e sociabilidade</i>	p.46
3. CAPITULO 02: “<i>O boêmio voltou novamente</i>”: perfil dos frequentadores assíduos e antigos	p.50
3.1- “<i>Se Amália não quiser ir, eu vou só!</i>”: as boêmias do <i>Bar do Léo</i>	p.56
3.2- “<i>Ando devagar por que já tive pressa...</i>”: 2009, um pesadelo para todos nós	p.60
4. CAPITULO 03: “<i>Apenas um rapaz Latino americano</i>”: o baixadeiro que conquistou a boemia ludovisence.	p.64
4.1- Seu Lunga: representações de Léo pelos frequentadores	p.67
4.2- O <i>Bar do Léo</i> sem Léo?	p.71
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.74
REFERÊNCIAS	p.76
APÊNDICE	
Apêndice 1 - Roteiro de Entrevista Frequentadores	p.80
Apêndice 2 - Quadro Informativo dos Entrevistados	p.81

1. INTRODUÇÃO

Minha relação com Leonildo começou há mais de dez anos, quando nem fazia o Curso de História da UFMA. Família de boêmios, eu sempre estive em contato com músicas além do meu tempo. Por ter perdido minha mãe bem cedo, fiz questão de manter esse gosto mais apurado pela música. Um das poucas memórias que tenho da minha mãe é ela escutando clássicos da chamada MPB – Música Popular Brasileira, como Elis Regina, Vinicius de Moraes, Chico Buarque, entre outros. Mas nada me marca tanto como quando escuto Marina Lima e Papete. E ela sempre com um copo de cerveja na mão e seu cigarro.

Meu primeiro contato com o *Bar do Léo* foi graças a minha irmã Lenir Coqueiro e nossa amiga Thamine Queiroz. Léo estranhava quando eu e minha irmã pedíamos músicas que, para nossa idade, eram peculiares. Nora Ney, Batatinha, Ângela Maria, entre outros clássicos nos acompanhavam nas tardes do *Bar do Léo*. Acho que aquilo o conquistou. Ele antipatiza quem pede Marília Mendonça, por exemplo.

Outro ponto que nos aproximou mais foi ele saber que sou neta do velho e finado Mascote, uma figura que foi muito importante no cenário da música popular maranhense, com sua contribuição na introdução do Chorinho no Maranhão. Cansávamos, eu e minha irmã, de ir ao bar e, do nada, sem que pedíssemos, ele colocava uma composição do meu avô, cantada pelo próprio.

Mas não foi só a música que me encantou no *Bar do Léo*. Entrar em um bar que procura nos fazer recordar momentos da nossa vida, talvez, seja contagiante. Desde as mesas de pé de máquina, as televisões que me remetem à infância, o *museu bar* vai ganhando “velharia” sempre. Os LPs da decoração mostram o visual antigo dos nossos artistas preferidos. O balcão extenso nos dá oportunidade de confraternizar com outros frequentadores que chegam, muitas vezes sozinhos, e buscam boa música e bom papo.

Percebo o *Bar do Léo* como um ponto de encontro para pessoas direta e indiretamente ligadas à política, à produção cultural e a discussões acadêmicas, especialmente da área de Ciências Humanas. O perfil de seus frequentadores é, na maioria, de esquerdistas ou simpatizantes. Presenciei ali, como frequentadora e pesquisadora, várias reuniões de pessoas ligadas a movimentos sociais e/ou partidos políticos. Tais encontros talvez não sejam planejados, mas acontecem ali, por tratar-se

de um espaço de boemia e lazer desses sujeitos. O *Bar do Léo* é também ponto de encontro de produtores culturais e músicos, que se juntam muitas vezes para definirem um repertório, por exemplo. Outro grupo muito facilmente perceptível no público frequentador é o de professores e estudantes universitários, especialmente da mencionada área de Ciências Humanas.

Concebo o *Bar do Léo* como espaço de lazer, inspirada em Magnani (1998), para quem “a questão do lazer, [...], surge dentro do universo do trabalho e em oposição a ele: a dicotomia é, na verdade, entre tempo de trabalho versus tempo livre ou liberado, e por lazer entende-se geralmente o conjunto de ocupações que o preenchem”. Ainda de acordo com Magnani, nascido com o capitalismo, o lazer não é uma atividade exclusiva do trabalhador remunerado. As práticas de lazer variam de acordo com a condição financeira, idade, tempo, culturas. É uma das formas de socialização que engloba homens, mulheres, mães, desempregados, homossexuais, independente da relação de trabalho que esse indivíduo mantém ou não. O exercício do lazer, apesar de ser direito de todos, para as classes de menor poder econômico ainda é deficiente, pois muitas vezes dependem do que é ofertado por órgãos governamentais em espaços gratuitos para que a comunidade possa usufruir.

O *Bar do Léo* seria, então, um espaço de lazer por tratar-se de um lugar, reconhecido pelos entrevistados, onde eles empregavam um tempo para atividades normalmente vistas como de não-trabalho. Ser frequentador assíduo de um bar exige que o consumidor seja alguém com rendimentos compatíveis aos preços do local. O tempo dispendido no *Bar do Léo*, por esses sujeitos, costuma ser sua folga, no fim do expediente ou num momento de liberdade para compensar o suor do trabalho com cerveja, boa música e boa conversa.

A ideia de desenvolver uma pesquisa sobre o *Bar do Léo* foi sugerida pela professora orientadora, Marcia Milena Galdez Ferreira. Por alguns anos (enquanto fugia da pesquisa e da escrita), duvidei da viabilidade de execução dessa proposta, pois o proprietário/idealizador do bar é muito conhecido por ser uma pessoa fechada, reservada e de difícil acesso, provavelmente não seria receptivo à execução do projeto. O estreitamento dos laços de amizade e o estabelecimento de uma relação de confiança mútua com Léo e com Jandira (ex-esposa e sua assistente mais direta no *museu bar*), tornaram possível a realização da pesquisa.

Entre os anos de 2009 e 2012, dois episódios (tentativa de fechamento do bar e o acometimento de Léo por diverticulite) tornaram perceptível o quanto ele e o bar são referências importantes na cidade de São Luís.

Discutir a formação, ressignificação e consolidação desse espaço de boemia e lazer, frequentado por sujeitos que se auto reconhecem como cultos, instruídos, politizados, apreciadores de boa música na cidade de São Luís, no tempo presente¹, e trabalhar alguns aspectos da biografia de seu proprietário e idealizador, com baixo grau de instrução formal, vindo do interior do Maranhão, “ex” alcoólatra, parece um desafio instigante e profícuo. Como se construiu o que hoje é a *Academia Musical Bar do Léo*², espaço que muitos frequentadores consideram como um patrimônio cultural³, pela sua contribuição no cenário de entretenimento da cidade? Intento investigar, ainda que brevemente, tal problema.

* * *

Leonildo Peixoto Martins, 65 anos, natural do povoado Alinhavão, pertencente ao município de Santa Helena – MA é o idealizador e proprietário de um dos lugares mais singulares de São Luís, o *Bar do Léo*. Frequentado por professores, políticos, militantes de vários movimentos sociais, universitários, artistas, boêmios, entre outros, o local oferece o que identifico como diferencial de espaço no cenário do lazer

¹Como aponta Eric Hobsbawn (2001, p. 254), “Em todo caso, o problema fundamental para o historiador contemporâneo em nosso tempo infinitamente burocratizado, documentado e inquiridor é mais um excesso incontrolável de fontes primárias que uma escassez das mesmas”. Não manter um distanciamento a longo prazo de seu objeto de estudo, tendo como fonte de pesquisa documentos disponibilizados nos arquivos, por exemplo, ainda é criticado no campo da História.

² De acordo com Léo o nome foi sugerido pelo falecido amigo e frequentador, Francisco de Assis Carvalho da Silva, conhecido como velho Six, em 7 de junho de 2000. Dentro no cenário musical local e nacional, velho Six era conhecido pela sua boemia e pelo bom gosto musical. Advogado, trabalhou durante muito tempo em Brasília. Possuía certa condição financeira que lhe possibilitava mandar buscar artistas de vários lugares do país para apresentação exclusiva, onde ele estivesse, sempre na companhia de amigos boêmios.

³Segundo Cavalcante e Fonseca (2008, p.11), entende-se por patrimônio cultural imaterial: “[As] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.” Apesar de ser considerado por muitos frequentadores como patrimônio cultural da cidade, o bar não possui esse título oficializado pelo governo do estado do Maranhão. É possível que, posteriormente, tal pesquisa incentive a formalização de um processo e discussão para tanto.

ludovicense: boa música e um ambiente estilizado que o caracteriza como uma espécie de *museu bar*⁴.

Os frequentadores assíduos do *Bar do Léo* fazem parte de um círculo restrito e diferenciado. Sabem que quando chegam ao bar uma coisa é certa: vão ouvir música da melhor qualidade. Conhecido por desenterrar relíquias da música brasileira e de grandes nomes internacionais, tem quem desafie o dono do bar, pedindo-lhe músicas mais antigas que sua avó.

Outras vezes, novos frequentadores chegam desavisados ao bar, esperando atendimento e ambiência comuns. Certa vez, estava lá, sentada junto ao balcão. O bar estava vazio e Léo havia pedido que eu tomasse conta, enquanto ele ia tomar banho. Assim fiz. Havia uma mesa com três mulheres, pareciam já ter vindo de outro bar. Uma delas chamou a garçonete e perguntou se podia ouvir Marília Mendonça. A garçonete, que desconhecia a importância musical do bar⁵, veio até mim e perguntou se tinha. Respondi que não. A cliente se contentou e pediu Cassia Eller. Conhecendo as regras do Léo, agradei por ele não estar no bar naquele momento. A primeira pergunta que ele faria seria: “*Quem é essa?*” Eu explicaria tratar-se de uma cantora de sertanejo universitário de grande sucesso no cenário musical do Brasil atual. Imagino Léo respondendo: “*Aqui não toca merda!*”

O *Bar do Léo*, hoje conhecido nacional e internacionalmente, está no roteiro turístico de São Luís. Muitos dos entrevistados têm o *Bar do Léo* como seu espaço de lazer preferencial e fazem questão de apresentá-lo aos seus conhecidos vindos de outros estados e países, sejam amigos, familiares ou colegas de trabalhos que estão na cidade a serviço.

⁴ Trabalho a ideia de *museu bar* uma vez que *museu* é um espaço construído para guardar memórias de uma cidade, personalidade, tempo, por exemplo, através de exposição de objetos, figuras, livros, entre outros. Nesse caso específico é um espaço que se percebe em contínua transformação no tempo, e o *Bar do Léo* configura esse espaço, sendo simultaneamente espaço de lazer e boemia, de descobertas e conhecimento.

⁵ Hoje é um pouco menor a rotatividade de funcionárias no bar, mas já foi mais intensa. Em sua maioria, com uma escolaridade baixa, elas têm esse emprego como seu meio de sustento. Falta-lhes experiência com o público em geral, pois muitas têm sua experiência como garçonetes iniciada ali, o que leva muitos clientes a se sentirem mal atendidos no estabelecimento. O tempo de permanência de uma funcionária no *Bar do Léo* também permite com que ela consiga incorporar o estilo musical do “seu Léo”, muitas vezes novo para a maioria delas. A ex-funcionária Nézia (2017) disse, em entrevista: “Tudo o que sei de música eu aprendi aqui. Vim gostar de música aqui. Eu descobri a música aqui... hoje, de fato, eu posso dizer que eu tenho um bom gosto musical e eu sempre vou fazer essa referência que quem me ensinou a ouvir música foi seu Léo” .

Localizado na antiga Cobal⁶, no bairro do Vinhais, em São Luís, antes de se tornar conhecido como *Bar do Léo*, o espaço – na época bem menor do que o atual – era um posto de venda de pão. “Eu que inaugurei aqui pela firma” (MARTINS, 2017). Em 20 de janeiro de 1979, Leonildo Peixoto Martins, era funcionário da *Confeitaria Triunfo*, que tinha sua matriz na Rua Oswaldo Cruz, e nessa data inaugura e administra um posto de venda de pão nesse hortomercado. A filial não prosperou e os donos da confeitaria resolvem vender o ponto.

Juntando o dinheiro de sua indenização pelo trabalho na confeitaria, com algumas economias e empréstimos, Léo adquiriu o espaço, ainda nos primeiros anos da década de 80. Contou com a ajuda financeira do seu irmão Adonildo para completar o valor necessário para a compra. Pagou o espaço em 16 duplicatas, que ainda tem guardas no bar.

Inicialmente, colocou o nome de *Bar e Lanchonete Moraes*, sobrenome da sua segunda esposa, mantendo-o até 1987, quando deixa de ser lanchonete e passa a ser somente bar, *Bar Moraes*.

Ainda nos anos 80, morador do bairro da Cohab, Léo se deslocava de pau de arara para abrir seu estabelecimento por volta das quatro da manhã. Café, bebidas alcóolicas, lanches, mocotó, uma tradicional farofa de carne e de peixe eram vendidos para os feirantes que vinham da CEASA⁷ com verduras e frutas para abastecer a Cobal.

Ele [Márcio Jerry] que começou a me chamar de Léo, Léo e ai foi indo, foi indo. – Bora pro Léo, Bar do Léo. Ai foi que... (...) ai que eu digo, a história de Márcio Jerry nesse bar, não é que ele tenha inaugurado o bar. Ele contribuiu pra registrar o Bar do Léo e foi ele que levou o nome Bar do Léo pra Universidade [Federal]do Maranhão. Ai, se expandiu. (MARTINS, 2017).

Registrado como firma individual, o nome fantasia *Bar do Léo* começa a ganhar vida oficialmente com essa denominação no início da década de 90.

Uma das paredes, hoje decorada por CDs, era enfeitada por diversas garrafas de cervejas, whisky, cachaças temperadas feitas por Léo (cravo, canela, aroeira, laranja), sendo a cachaça, naquela época, consumida constantemente pelo proprietário. Há mais

⁶ Hoje extinta, a COBAL - Companhia Brasileira de Alimento, atuava nos mercados do bairro do Monte Castelo, Vinhais, Bequimão, Maiobão e Cidade Operaria. Atualmente existem somente os mercados do Vinhais e da Cidade Operaria. Atualmente, o mercado do Vinhais é gerido pela COOFEVI – Cooperativa de Feirantes do Vinhais, sob concessão do Governo do Estado do Maranhão, através da SEPLAN –MA.

⁷ CEASA- Companhia dos Hortigranjeiros do Maranhão.

de 28 anos sem beber, Léo cansou de se recuperar da bebedeira, em plena dez horas da manhã, com cochilos rápidos. Logo recuperado, voltava a consumi-la ao longo do dia.

É que naquela época, os bares que tu chegava, a decoração era calendário de bebida, cigarro e era só com mulher nua. Se não era mulher, era cavalo. E eu sempre achei que mulher nua fosse pra olhar entre quatro parede, não era pra mostrar em cartaz. Ai eu comecei a botar uma escrivaninha, uma coisa ou outra ai (MARTINS, 2017).

Gradativamente, as mesas de ferro da Cerma foram substituídas por mesas com pé de máquina de costura. Compradas aos poucos, essas mesas seriam as primeiras peculiaridades do bar. Hoje ele possui mais de setenta mesas do tipo. Querendo fazer diferente dos outros bares da cidade, ele comprou uma escrivaninha, o primeiro objeto de decoração do bar, dando o primeiro toque diferente ao espaço. Adquirindo rádios, televisões, máquinas de escrever, baús, entre outros objetos, foi dando forma ao seu *museu bar*. Não gostando de opiniões, ele decora o espaço com antiguidades que emocionam os frequentadores.

Não me lembro agora o nome dela, ela veio aqui junto com Beth Carvalho, com Mario Moraes⁸. E um dia, ela veio e a primeira vez que ela veio aqui, a mulher caiu em prantos. Eu presenciei. Chorou copiosamente e ninguém entendia o porquê. Ela ficou tão emocionada quando viu essa casa, que ela chorou barbaridades aqui, mas de felicidade, de alegria. Foi tomada por uma emoção inexplicável. É o que faz essa casa encantadora. Você chega aqui, pra nós não, que já estamos acostumados com ela, mas quem chega pela primeira vez, fica impactado quando presencia isso aqui (SANTOS, 2017).

A música, que foi e continua sendo o principal atrativo do bar, começou a ser ouvida pelos clientes através de radinhos de pilha, sob as ondas da Radio Timbiras. Aos poucos, o tradicional radinho foi substituído por LPs e fitas cassetes. Ele não deixou de investir e modernizar, adquirindo novos aparelhos e caixas de som para os frequentadores poderem ouvir melhor as músicas. Com a modernização da indústria fonográfica, os CDs passaram a fazer parte dos investimentos musicais de Léo. Resistiu até quando pode, mas hoje os LPs só compõem a decoração do bar. Suas capas forravam o teto e pareciam estrelas no céu; os clientes ficavam encantados a cada descoberta.

Quando entrou CD, eu não... Eu comprava CD, levava pro cara que gravava fita pra mim. Ele gravava dez fitas pra mim e eu dava um CD

⁸ Mário Moraes - Produtor musical, principalmente na área do samba. Seu nome se destaca por realizar grandes eventos na cidade de São Luís, produzindo shows de grandes artistas brasileiros.

pra ele. Que eu não tinha aparelho de tocar CD e eu não queria me adaptar, me modernizar. Ai eu vi que era besteira e comecei... comprei aparelho. (...) O disco de vinil dava muito trabalho. Tinha que limpar e tal e tudo. Fita cassete não. No começo eu comprava muito CD e mandava gravar, botava em fita. Ai depois eu vi que era besteira. Comecei com o aparelho e... (MARTINS, 2017).

Por conta de uma reforma necessária no mercado, o teto teve que ser substituído, perdendo aquele pedaço a antiga decoração, que só existe, hoje, na memória dos clientes antigos. Dono de um belíssimo acervo musical, Léo ainda ganha LPs dos frequentadores. A parede, antes ocupada por bebidas, como citado anteriormente, hoje ganha as cores das capas de CDs.

A paixão pela música faz com que Léo não dê pausa na busca de novidades. Os representantes das grandes gravadoras, em São Luís, cientes do seu gosto musical, fazem questão de levar os lançamentos para ele comprar. Percebe-se o brilho nos olhos dele, quando põe algum CD novo e sabe que está sendo, talvez, o primeiro a adquirir tal obra na cidade. Obras locais e regionais de artistas, poetas, cantores, fotógrafos, professores universitários e intelectuais também contribuem para a construção visual e única do local.

Olha, na semana que eu não tenho um lançamento, uma novidade, eu fico inquieto. Era como naquele tempo que eu tinha muita tesão, na semana que eu não ia pro cabaré eu ficava no máximo até quinta feira, sexta feira doidinho, até eu ir. Não passava uma semana sem ir no cabaré. Era como CD. Toda semana eu tenho que ter alguma coisa, uma novidade. Não precisa que seja novidade atual, [é] novidade pro bar. Pode ser de 36, 46, de 60 (MARTINS, 2017).

O Bar é frequentado, na maioria das vezes, por um público diferenciado, onde “você vai encontrar pessoas que tem um capital cultural maior, que não vão ter uma conversa pseudopolítica” (FERREIRA, 2017). Busco, então, entender o que leva o local a ter também essa particularidade.

* * *

A metodologia usada para desenvolver esse trabalho monográfico mescla a pesquisa etnográfica, a história oral e a análise de referências ao *Bar do Léo* nas redes sociais e em jornais da imprensa maranhense.

“História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador de fita” (ALBERTI, 2006, p.155). Chegada no Brasil na década de 70, a

história oral veio como oportunidade para “dar voz” à grupos, pessoas “vindas de baixo”, possibilitando a “qualquer pessoa” dar sua contribuição para a escrita da história de um determinado acontecimento, experiência ou sentimento. Esse método, usado por diversas disciplinas (Antropologia, Psicologia, Sociologia, Ciência Política etc.), trabalha temas contemporâneos, fatos recentes, o que chamamos no campo da história como história do tempo presente.

“A história oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vidas e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade” (ALBERTI, 2006, p.164). Dá oportunidade a quem fala, de buscar suas memórias, relembrar coisas perdidas, esquecidas.

Por essa pesquisa se tratar de um tema relacionado ao lazer, as entrevistas fizeram muitos rememorem momentos esquecidos, amizades construídas, amizades que ficaram pelo caminho e principalmente a importância do *Bar do Léo* em suas vidas. Talvez, por se tratar de um espaço de sociabilidade, onde vivenciamos infinitas experiências, muitas memórias esquecidas foram resgatadas. O uso da história oral torna necessária a reflexão sobre o conceito de memória.

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, possível de ser estudada por meio de entrevista de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (ALBERTI, 2006, p.167).

A memória não se constitui em um meio de acesso ao passado. Rememorar é retornar ou ressignificar o passado a partir do presente, processo que não se dá individualmente, mas a partir de quadros sociais da memória. É o indivíduo que rememora, mas o faz em confluência com a memória de grupos, como aponta Halbwachs (2006, p.24) “a memória é seletiva e construída coletivamente”.

O uso da História Oral requer nítida distinção entre rememoração e retorno ao vivido. Os fatos e as experiências rememorados ressignificam o passado através do relato produzido pelo entrevistado no contato com o entrevistador. Verena Alberti (2006, p.169) aponta que a entrevista é resultante de uma ação interativa e intersubjetiva

entre entrevistador e entrevistado, que interferem sobre seus relatos; ela é um momento de interpretação do passado e não um retorno a ele.

A entrevista deve ser compreendida também como documento de cunho biográfico e, portanto, deve-se atentar para a dita “ilusão biográfica”⁹, ou seja, “a ideia de uma identidade coerente, de um todo, com projetos e intenções; de uma trajetória de acontecimentos sucessivos (é comum representar-se a vida como estrada, caminho, carreira, corrida etc.)” (ALBERTI, 2006, p.169).

Tento atentar e analisar, portanto, a presença de várias temporalidades nos relatos ouvidos dos entrevistados que, ao lembrarem o *Bar do Léo* do tempo que começaram a frequentar, normalmente como estudantes universitários, falam também a partir do lugar que ocupam hoje na sociedade ludovicense e percebem o *Bar do Léo* através das *representações*¹⁰ atuais do local.

É através dessas entrevistas, que serão as minhas principais fontes/documentos de estudo, que tentarei analisar e compreender fatos e experiências que levaram a formação, ressignificação e consolidação do *Bar do Léo*.

Através de gravações de áudio e vídeos, foram realizadas entrevistas com Leonildo Peixoto, idealizador-proprietário do *Bar do Léo*, e alguns frequentadores (assíduos, antigos e esporádicos) e colaboradores do bar. Três colaboradores desse trabalho, por conveniência, preferiram responder as perguntas através de e-mail. As entrevistas foram iniciadas em fevereiro de 2017 e continuaram sendo feitas até junho desse ano.

O principal critério para a escolha dos entrevistados foi a assiduidade dos frequentadores. Foram feitas 32 entrevistas oficiais, com duração em média de 30 minutos, mas houve entrevistas que ultrapassaram o tempo de uma hora.

Nem sempre ouvi relatos surpreendentes, muitas vezes as entrevistas me permitiram respaldar alguns argumentos preconcebidos. Outras entrevistas permitiram compreender aspectos ainda desconhecidos da história do *Bar do Léo*, desse modo, a história oral se apresenta como principal metodologia e fonte desse trabalho.

⁹ Ver BOURDIEU Pierre, A ilusão biográfica in FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p 167-182

¹⁰ Conforme Sandra Pesavento (2008, p. 21), em *História & História Cultural*, “As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotada de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem a sobre a realidade”.

“Uma pesquisa que emprega a metodologia da História oral é muito dispendiosa. Preparar uma entrevista, contatar o entrevistado, gravar o depoimento, transcrevê-lo, revisá-lo e analisá-lo leva tempo e requer recursos financeiros” (ALBERTI, 2006, p.165). Escutar a opinião dos entrevistados sobre o bar foi uma das atividades mais prazerosas. Pelo pouco tempo que tive para desenvolver essa monografia, deixei de ouvir alguns dos frequentadores antigos que iriam somar para o desenvolvimento desse trabalho, a exemplo do então Secretário do Governo do estado do Maranhão, Márcio Jerry, uma das pessoas fundamentais para a solidificação do *Bar do Léo*. Alguns dos entrevistados citaram-lhe o nome. O próprio Léo não esconde a importância de Márcio Jerry na *construção* do seu bar.

Encontrar frequentadores assíduos de um lugar que funciona há 38 anos, não foi tarefa fácil. O espaço, iniciado como lanchonete e restaurante, foi bastante frequentado pelos feirantes da época, em 1980. Não consegui contato com nenhum deles. Dos moradores do bairro Vinhais, tive a oportunidade de conversar com alguns, que ainda frequentam o bar, uns de forma assídua e outros de forma esporádica. Os demais entrevistados têm suas frequências iniciadas no final da década de 80 e início de 90. Desses, poucos se consideram assíduos, dando espaço a uma assiduidade maior aos frequentadores de meados de 2000. Felizmente, mesmo em um número pequeno, consegui identificar e tive a oportunidade de entrevistar algumas mulheres que se enquadram no perfil de frequentadoras do bar.

Também foram ouvidos frequentadores não assíduos, pessoas que chegavam no bar pela primeira vez, ou que o frequentam esporadicamente. Houve entrevistas com ex frequentadores assíduos, que por algum motivo tiraram da sua vida o *Bar do Léo* como espaço de lazer. Registro que os mesmos não deixaram de frequentar o espaço, somente não consideram mais o *Bar do Léo* como seu principal espaço de sociabilidade.

Analisar os relatos desses fatos e experiências não é simples, devendo-se levar em conta a relação de entrevistas, as intenções do entrevistado e as opiniões de outras fontes (jornais, em sua maioria). Antes de tudo, é preciso saber “ouvir contar: apurar o ouvido e reconhecer esses fatos, que muitas vezes podem passar despercebidos.” (ALBERTI, 2010, p 10).

O local onde é feita a entrevista (90% das entrevistas foram feitas no *Bar do Léo*), pra quem é concedida a entrevista (Matilde Coqueiro) e o objetivo da entrevista (realização de um trabalho monográfico, que estará ao alcance de qualquer leitor), dentre outras situações, faz com que o entrevistado selecione o que falar. Para a

realização das entrevistas, boa parte dos entrevistados se preparava para ela, uma vez que marcava o dia para sua realização, por exemplo.

Esses relatos são a minha principal fonte para entender, principalmente, a consolidação do *Bar do Léo*. Através das entrevistas conclui que o *Bar do Léo* se tornou o que é (Patrimônio Cultural de São Luís, Museu Etnográfico, Museu Áudio Visual, Academia Musical Bar do Léo, entre outras designações atribuídas pelos entrevistados durante o trabalho de campo/entrevistas), por ter sido incorporado por uma clientela, em sua maioria ligada à vida acadêmica e à cultura, para fazer desse espaço sua opção de lazer.

Selecionei perguntas chaves para elaborar o roteiro desse trabalho, nem sempre seguidas ao pé da letra, pois o entrevistado se encarregava de adiantar os temas. Muitas entrevistas tiveram o roteiro¹¹ alterado. Este tem como ponto de partida: *quando e como conheceu o Bar do Léo?* Outras perguntas relacionadas à política, por exemplo, eram feitas somente para um determinado grupo de entrevistados.

Muitos dos entrevistados se sentiram privilegiados e contentes pelo convite para participar da construção desse trabalho. Alguns veem-no como mais uma contribuição para servir de argumento para tornar o *Bar do Léo* patrimônio tombado pelo Governo do estado do Maranhão. Confesso que fazer um trabalho com uma “responsabilidade” dessas é assustador, mas farei o possível para contribuir para esse percurso, que julgo necessário, para o *Bar do Léo*.

No texto *Entre memória e história, A problemática dos lugares*, o autor Pierre Nora (1993, p. 8) trabalha a concepção de que a memória espontânea não existe mais, que “por conta do crescimento industrial” e, porque não dizer, do capitalismo, hoje é mais fácil se pensar na instituição de *lugares de memória* do que uma “conservação e a transmissão dos valores, igrejas ou escola, família ou estado” por exemplo.

É unânime aos entrevistados elegerem o *Bar do Léo* como um espaço de lazer e boemia significativo e de cunho afetivo. Naquele espaço, seja através das músicas, das fotos ou dos objetos expostos, eles lembram de um passado, seja por uma convivência direta, ou de pessoas que vivenciaram um fato. Muitos dos acervos expostos nos fazem retornar a um espaço rural, arcaico, que não foi vivido por muitos frequentadores de uma geração mais nova¹². E o que se percebe é a curiosidade destes em saber qual a

¹¹ O roteiro de entrevistas utilizado se encontra nos Anexos da monografia.

¹² Aqui considero a geração dos que tem entre 20 e 25, por exemplo. Uma geração que tem contato intenso com a vida urbana e com a tecnologia, com a possibilidade de ingressar em uma faculdade mais

importância de tal objeto. “É que esta memória nos vem do exterior e nós a interiorizamos como uma obrigação individual, pois que ela não é mais uma prática social” (NORA, 1993, p. 17), Nesse momento é criada uma interação desse sujeito no coletivo.

“Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis” (NORA, 1993, p. 13). A construção do acervo do *Bar do Léo* vem de uma contribuição mútua. Dele, por ter iniciado esse acervo com uma escrivãzinha antiga, expondo sua memória particular, e dos clientes, por terem dado essa visibilidade. Essa construção acontece justamente quando se tem uma substituição de frequentadores. Deixa de ser o espaço dos feirantes e passa a se ter um público acadêmico, mais escolarizado. Leonildo fez do seu ambiente de trabalho o seu *lugar de memória*, um *lugar de memória* de uma “sociedade condenada ao esquecimento”.

Muitas interpretações presentes neste trabalho são fruto das observações feitas em trabalhos de campo, regados a cervejas, entrevistas e tripinhas fritas, no *Bar do Léo*. O fato de ser frequentadora assídua facilitou meu contato com muitos entrevistados que se dispuseram a colaborar com o trabalho. Outra parte considerável das conclusões foi tecida observando as conversas no *Bar do Léo*, de Léo e sobre o *Léo*.

O *Bar do Léo* faz parte do meu “esquema de classificação, da minha visão de mundo, do meu universo social e ideológico” (DAMATTA, 1987, p. 184). E essa familiaridade pode passar, para muitos, despercebida, o que nos faz deixar de questionar o porquê das coisas. O trabalho do pesquisador (antropólogo, etnógrafo, historiador) consiste em formas de responder esses porquês. E para melhor realização desse trabalho é “necessário um desligamento emocional, já que a familiaridade do costume não foi obtida via intelecto, mas via coerção socializadora” (DAMATTA, 1987, p. 192), se distanciando-se e estranhando esse conhecido.

Através da abordagem da História Cultural tento fazer uma *descrição densa* das práticas e representações observadas no trabalho de campo, iniciado em fevereiro de 2017, buscando um significado simbólico do *Bar do Léo* para a sociedade, através de sentimentos vividos pelos frequentadores daquele espaço. Sobre a *descrição densa*, a historiadora Sandra Pesavento (2012, p 39) diz que:

rápido e entrando num mercado de trabalho mais cedo. Essa geração ingressa cedo no mundo da competição e das experiências, e não costuma ter muito vínculo com o interior do estado e sua cultura.

O método fornece ao historiador meios de controle e verificação, possibilitando uma maneira de mostrar, com segurança e seriedade, o caminho percorrido, desde a pergunta formulada à pesquisa de arquivo, assim como estratégia pela qual fez a fonte falar, produzindo sentidos e revelações, que ele transformou em texto. [...] O documento se converte em prova na argumentação do historiador e é a partir de tais provas que se encaminha a demonstração explicativa da História, dando a ver como foi do acontecido”.

Espero, desse modo, dar alguma contribuição acadêmica a um objeto de pesquisa tão rico e fascinante, ressaltando que o tema nunca foi objeto de pesquisa no meio acadêmico.

No primeiro capítulo, intitulado “*Eu quero uma casa no campo, onde eu possa compor muitos rocks rurais*”: *museu Bar do Léo*, faço uma descrição densa do *Bar do Léo*, levando em consideração seu acervo material (CDs, vinis, cassetes e objetos do mobiliário, decoração, grafite), os hábitos ligados ao seu espaço (discussões sobre música, interdições/inibições acerca de paqueras), preços e ofertas do cardápio etc.

No segundo capítulo, intitulado “*O boêmio voltou novamente: perfil dos frequentadores assíduos e antigos*”, busco mapear o perfil dos frequentadores do *Bar do Léo*, tanto nos seus traços em comum (faixa etária, escolaridade, classe social, local de residência, orientação política, gosto musical), quanto nas suas diferenças (gênero, faixa etária, tempo de conhecimento do bar, dias de frequência, etc). Privilegio o contato e a análise das narrativas orais dos frequentadores mais antigos e assíduos ao bar, mas também atento para públicos diversos que demarcam outras territorialidades nos espaços tempos do *Bar do Léo*. Assim, há os boêmios de terça a quinta, em anos atrás, de segunda a quinta; a galera menor de trinta anos (mais barulhenta e menos exigente em relação ao repertório musical) que frequenta as noites de sextas e sábados; e os frequentadores do sábado e domingo, durante o dia, quando muitos aproveitam para fazer compras na feira.

No terceiro capítulo “*Apenas um rapaz Latino americano*”: *o baixadeiro que conquistou a boemia ludoviucese*, busco apresentar e discutir brevemente elementos da biografia do idealizador/proprietário do *Bar do Léo* (relações familiares, graus de instruções, empregos, ambiência cultural) no intuito de compreender como ele idealiza/constrói o acervo do museu *Bar do Léo*. Inspirada na noção de *circularidade de cultural* apresentado por Carlo Ginzburg, tento decifrar como o baixadeiro simples, semi-analfabeto, chegado na ilha de São Luís em 1968, consegue duas e três décadas depois, respectivamente, criar, resignificar e consolidar um espaço de sociabilidade e

lazer caracterizado por uma rica cultura material e imaterial. Neste capítulo trabalho a construção simbólica incorporada pelo dono do bar e presente no espaço estudado. Finalizo, fazendo uma breve análise de uma possível existência do *Bar do Léo* sem o Léo, a partir das entrevistas concedidas.

2. CAPITULO 1: “*Eu quero uma casa no campo, onde eu possa compor muitos rocks rurais*”: museu *Bar do Léo*



Figura 1: Parte da coleção de CDs, exposta no *Bar do Léo*

Figura 2: Parte da coleção de LPs, exposta no *Bar do Léo*

Imagem: Matilde Coqueiro, julho 2017

Os frequentadores assíduos do *Bar do Léo* sabem que não vão passar muito tempo a sós ali, mas os poucos momentos que possam estar assim dedicam a máxima atenção a algo que os acompanha: a música. A música os ajuda a organizar as ideias, a aliviar o estresse do dia a dia, a resgatar momentos importantes das suas vidas. A música lhes acalma a alma, os encanta. A música é branda e tênue. Pode fazer-lhes

chorar ou rir. Fazer-lhes sentir seguros e livres. Viver sem música é *viver ao léu*¹³, mas, felizmente, temos o *Bar do Léo* para vivermos a música.

“Fugir do rotineiro circuito musical da cidade e ouvir canções de qualidade, sem se importar com a época” (JINKINGS, 1999) é a maior qualidade citada pelos entrevistados. A música é o primeiro e o principal diferencial do bar.

Dono de um acervo musical invejável, Leonildo não se preocupa em contabilizar o que ele guarda. Com “36 gavetas distribuídas em alguns armários, ele reúne, hoje em dia, aproximadamente 4.500 fitas cassetes” (JINKINGS, 1999). Sua organização é única. As músicas em fitas cassetes, gravadas pelo seu amigo e sonoplasta, José de Ribamar Elvas Ribeiro, conhecido por Parafuso, ainda podem ser ouvidas no bar. Também desenhista, Parafuso escrevia o nome das músicas em *Lado A* e *Lado B* como se tivesse vindo do estúdio.

O que temos em CD é o que não foi gravado em fita cassete. Quanto aos vinis, deixo a pesquisa por conta do amigo Parafuso, que é o nosso maior contribuinte. Mas garanto que tudo o que ele guarda em casa em vinil nós temos aqui gravado em cassete, com a permissão dele, é claro (JINKINGS, 1999).

O curioso é que Léo não precisa ficar rebobinando de trás para frente a fita cassete. Ele, na maioria das vezes, consegue localizar tal música de primeira. Com um público de boêmios amantes da música e acostumados com seu humor, ele nos surpreende com músicas gravadas em cassete e que acabamos de escutar em CD. Além de exhibir tal acervo, ele faz perceber, dentre outras coisas, a qualidade do som do cassete.

Teve uma vez que eu vim para cá sozinho, ai lembrei de uma música e pedi para ele. Nessa eu peguei pesado!

– Léo, eu queria uma música da Elizeth.

– Qual?

– Na verdade *Elizeth Canta*, mas ela ta acompanhada pelo Zimbo Trio - Época de Ouro e Jacob do Bandolim, uma versão de Carolina. Ai ele falou assim:

– Eu tenho essa música.

Ai ele começou a procurar. Ele mexeu isso aqui tudo e não achou. Ele subiu na geladeira (rsrs). Eu já tava com medo dele ter um acidente. Ai ele ficou super mal humorado, foi na minha mesa e falou assim:

– Eu tenho essa porra, só não to achando. É que eu to ocupado. Mentira (rsrs), que ele não tava ocupado porra nenhuma. Ai passou. Um mês depois eu vim, ai ele veio para mim, um mês depois, ele veio para mim com uma caixa cheia de fita cassete.

¹³ Ao léu significa também quando queremos dizer um indivíduo está ao relento, ao ar livre, sem cobertura, ao vento. Informação retirada do site significados.com.br. Acessado em 01/04/2017

– Pega ai, oh!
 Jogou na minha mesa.
 – Que isso Léo?
 – Olha ai.
 Procurei assim...
 – Legal! (fita cassete rsrs).
 Ai ele tateou e tirou a fita cassete, o álbum, o show inteiro da Elizeth com Zimbo Trio - Época de Ouro e Jacob do Bandolim.
 – Não disse que eu tinha? Só não lembrava que tava em cassete.
 (SILVA, 2017b).

Apaixonado por Nelson Gonçalves e Elizeth Cardoso, Léo se preocupa, ainda hoje, em adquirir qualquer coleção que seja lançada, mesmo que ele já tenha as mesmas músicas em outros CDs.

Léo gosta de ser desafiado. Pedir-lhe uma música e ele não encontrar naquela hora é deixá-lo inquieto. Mas isso só acontece quando ele sabe que tem a música pedida no acervo do bar. E quando não a encontra naquele momento, pode esperar, que na sua próxima vez, ele vai lhe surpreender.

A questão da aprendizagem não se dar só em sala de aula. Aqui sai várias informações culturais, porque você geralmente encontra pessoas com uma riqueza cultural tão grande e se discute cultura aqui. Se ouve, se desafia. Alguém escuta uma música e através daquela música conta a história daquela música, do álbum em si, a história daquele cantor em si. Então aqui é um local também de aprendizagem e de riqueza cultural. (COSTA, 2017a).

É apreciável a quantidade de informações que ele tem sobre compositores, histórias de como foi feita a música e para quem. E ele faz questão de fazer essa troca de informações com os clientes que ele sabe que estão ali para compartilhar tal conhecimento.

Recentemente, escutando a música *Injuriado*¹⁴, de autoria do Chico Buarque de Holanda, Léo diz: *Sabia que essa música foi feita para Fernando Henrique Cardoso?!* Respondi que não e logo depois ele colocou *Jorge Maravilha*, também de autoria de Chico Buarque de Holanda e disse que essa tinha sido pra o General Geisel. Léo não é apenas um colecionador da boa MPB, mas um grande conhecedor da MPB.

As atitudes curiosas do Léo são diversas. Ele adquiriu dois box na COBAL e transformou-os em sala de leitura e sala de piano. Comprou um piano velho da família de um antigo Consul de Portugal e um frequentadora, Ana Ligia, fez uma campanha para restaurar o instrumento. Restaurado, o piano ficou exposto em uma sala-box do

¹⁴ Apesar de ter surgido boatos, em entrevista Chico Buarque de Holanda, nega a intenção da música ao FHC. Acessado em 15/05/2017

Bar do Léo. Para desgosto da clientela, ele acabou vendendo o piano. Perguntado o porquê da venda, responde: “Loucura! Deu vontade e eu vendi.”

O único hotormecardo do Brasil, talvez do mundo, que tinha um piano. Piano alemão, de Hamburgo. Eu tenho as fotos e os registros. Um piano que tinha uma inscrição dentro dele, dizendo: feito especialmente para a *Casa Mariposa*, em São Luís do Maranhão, se não me engano, 1864. Ou seja, no século XIX, no Maranhão tinha famílias com um poder aquisitivo e tinha uma loja que vendia objetos musicais importados da Alemanha. (SILVA, 2017d).

A sala de leitura foi outro espaço que também fez parte, por um tempo, do *Bar do Léo*. Ali, ele dividia com os clientes os livros, revistas e informações sobre música. O frequentador Paulo César Guimarães reproduziu “páginas dos sites na internet dos principais músicos, compositores e cantores da MPB. Estas páginas estão sendo compiladas e encadernadas para compor os PERFIS MUSICAIS, da Coletânea ao Léo” (SILVA, 2001). Foram 10 livros no total. “Naquela sala tinha aula de universidade”, diz Léo orgulhoso do espaço que criou, até que por decisão da cooperativa que administra a feira, ele teve que se desfazer dos dois espaços. Uma das estantes que acomodavam algumas dessas informações ainda encontra-se por lá, entre o banheiro masculino e o banheiro para cadeirante/deficiente (construído recentemente). O resto do material ele espalhou pela extensão do bar, contribuindo ainda mais com a decoração do ambiente.

Esse trabalho agora é colocado à disposição do público, não só para ajudar no eterno tira-teima dos ‘sábios’, como também dos pesquisadores, professores e estudantes de música que possam se interessar em fazer algo mais sério do que simplesmente degustar boa música em mesa de bar (SILVA, 2001)

Além das peças, dos CDs e LPs expostos, o *Bar do Léo* chama atenção já na entrada principal. Do lado direito tem a pintura de Luiz Gonzaga e seu pai, Januário. Ao lado destes, a imagem de Patativa do Assaré. No centro, a pintura de uma parede de taipa, bem rústico, com o nome *Bar do Léo*, sobreposto em três peneiras. Acima, um barco chamado Helena III. “Existe três Helenas na minha vida. A primeira é minha mãe. A segunda é minha filha. A terceira é o barco” (MARTINS, 2017). Do lado esquerdo tem uma pintura com a imagem de Ronaldo Boldrin, finalizando-a há a pintura de uma

casa interiorana com um carro de boi na porta¹⁵. Perguntando-lhe se aquela imagem era baseada em sua vida no interior do Maranhão, ele diz que não. Aquela era a casa de Patativa, foto que foi tirada do livro *Patativa do Assaré, Digo e não peço segredo*.



Figura 3: Entrada principal do *Bar do Léo*
Imagem: Pablo Monteiro, março de 2017

Feito pelo artista Alexandre Gomes da Silva, colaborador do *Bar do Léo* por vários anos¹⁶, essas pinturas foram a primeira oportunidade que esse artista teve de expor seu talento para o público, garantindo-lhe, inclusive, trabalhos futuros. Morador do Vinhais, Alex, como é conhecido, frequentava a Cobal desde pequeno, pois seu irmão é proprietário de um dos boxes da feira. De início eles não conversavam muito. Alex achava que Léo não entendia nada de música, pois o que ele gostava era de rock e *reggae*. Após uma mudança de gosto musical do pintor, começam a “trocar ideias” e a “partir disso,

¹⁵ Luiz Gonzaga, Patativa do Assaré e Ronaldo Boldrin: todos são representantes fortes do cenário musical e artístico do Brasil. Todos eles tem suas obras voltadas para a cultura do nordestino, o sertão, a viola.

¹⁶ Alex morou um tempo, na década de 90, em Alcântara- MA e chegou a doar algumas peças para o bar. Chegou a vender alguns livros para Léo também. Com o seu retorno para São Luís, começou a ir muito à Cobal e lá conheceu uma garçonete do *Bar do Léo*, por quem se apaixonou e tiveram um relacionamento de mais ou menos cinco anos. Nesse tempo, tendo que esperar a namorada sair do serviço, muitas vezes, chegava a coincidir com o abastecimento dos funcionários da COBAL, Alex começou a vigiar os carros dos clientes do *Bar do Léo*. De artista/cliente para SPM – Segurança de patrimônio móvel, como ele mesmo define. Essa época também surgiram trabalhos com pinturas, encomendados pelos clientes do bar.

com umas ideias que ele tinha sobre arte, sobre pintura, ele me contratou pra mim pintar... Ele falava o tema e eu pesquisava as imagens e aí a gente entrava num comum acordo e aí eu executava” (SILVA, 2017a).

Considerando efêmeras as pinturas que fez para o *Bar do Léo*, Alex diz que não se espantaria se, ao chegar no bar, encontrasse algum artefato por sobre as pinturas expostas do lado de fora. Talvez isso não ocorra porque os objetos ficariam vulneráveis demais. Mas ele não parece se incomodar com isso. Uma de suas pinturas de um cercado numa parede interna do bar (a que fica visível desde a entrada), está coberta por baús, tvs, etc.¹⁷



Figura 4: Pintura antiga numa parede da parte interna do bar.
Imagem: Matilde Coqueiro, outubro de 1016

Diálogos interessantes e engraçados já aconteceram em decorrência das pinturas feitas no *Bar do Léo*, rendendo-lhe o adjetivo de *vândalo artístico*, dado por uma frequentadora.

Quando eu pintei Patativa, ele tinha um cigarro e eu consegui fazer uma brasa bem realista, que o pessoal tirava foto do cigarro de

¹⁷ Hoje, por conta da reforma, Léo teve que revestir a parede interna do bar com azulejo branco.

Patativa. (...) a mulher chegou um dia aí, tava fumando e Léo falou assim: - Não pode fumar! - Sim, mas Patativa tá fumando. (Léo se dirigindo a pintor) - Pô, tem que apagar esse cigarro, esse cigarro tem que sair dali. - Porra Léo, isso é uma figura e Patativa morreu com 100 e tudo e o cigarro tá no meio da história. - Não, tem que tirar esse cigarro daí. Ai eu: - Porra, não vou tirar não. Ai, um belo dia eu chego e tem um X de látex amarelo, em cima do cigarro. Éguas, Léo tacou um Xzão em cima do cigarro de Patativa. Ai eu tive que restaurar ele e fazer sem o cigarro (SILVA, 2017a).

“Léo nunca foi mesquinho em ofuscar a arte do outro” (SILVA, 2017a). Toda produção, obra, objeto que chega para contribuir na decoração do bar, ele se preocupa em informar ao cliente a origem do trabalho.

Dono de várias peças, quando tem oportunidade, Léo dá vida a elas. Como exemplo temos a história do cliente Inácio Araújo Costa, que na véspera de uma gravação de um curta metragem, ainda não tinha conseguido um do objeto para a gravação: um rádio antigo. Meio receoso em pedir emprestado um dos rádios expostos no bar, acompanhado da sua esposa, chegou ao balcão do bar e pediu uma cerveja. Explica a situação e Léo diz-lhe: “Minha mãe me falou uma coisa: coisa nossa a gente não vende, não aluga e nem dá.” Mesmo assim, emprestou, dizendo: “Olha, eu não faço isso pra qualquer pessoa. Só to fazendo porque eu to muito feliz hoje (...) vocês me pegaram num dia muito bom”. “O rádio foi fundamental pra narrativa do filme” (COSTA, 2017c), conta Inácio, surpreendendo-se a cordialidade do Léo, que tem seu nome incluído nos créditos do curta.

Cabe outra passagem que retrata os prazeres que o bar oferece.

Certa vez, me entediei num aniversário e fugi para o Léo. Eu, Fafá e Benedito, tio dela. Pedi uma cerveja e puf. Faltou energia. Sem problemas. Léo acendeu os lampiões, pôs um toca discos sobre o balcão, abasteceu-lhe de pilhas e o pôs a tocar Orlando Silva em 78 RPM para nós ouvirmos. Depois disso, eu iria voltar para o aniversário? Jamais! (RAMOS, 2009)

Na parede interna do bar, do lado direito, oposto ao extenso balcão, Léo expõe várias pinturas, quadros e molduras, onde compartilha fotos e momentos que ele considera significativos no cenário musical. Fotos de artistas, matérias sobre música, homenagens feitas pela *Academia Musical Bar do Léo* a artistas e personalidades locais e nacionais ali estão expostas. Suas fotos com artistas e amigos que compõe o cenário cultural da cidade também podem ser vistas ali. Acompanhando essa parede, estão espalhados livros e dvd's que ficam expostos e ao alcance de qualquer cliente.

Entrevistas, matérias de jornais e revistas que contam um pouco a história do bar se espalham pelo bar, em quadros envidraçados. As homenagens recebidas não ficam de fora.

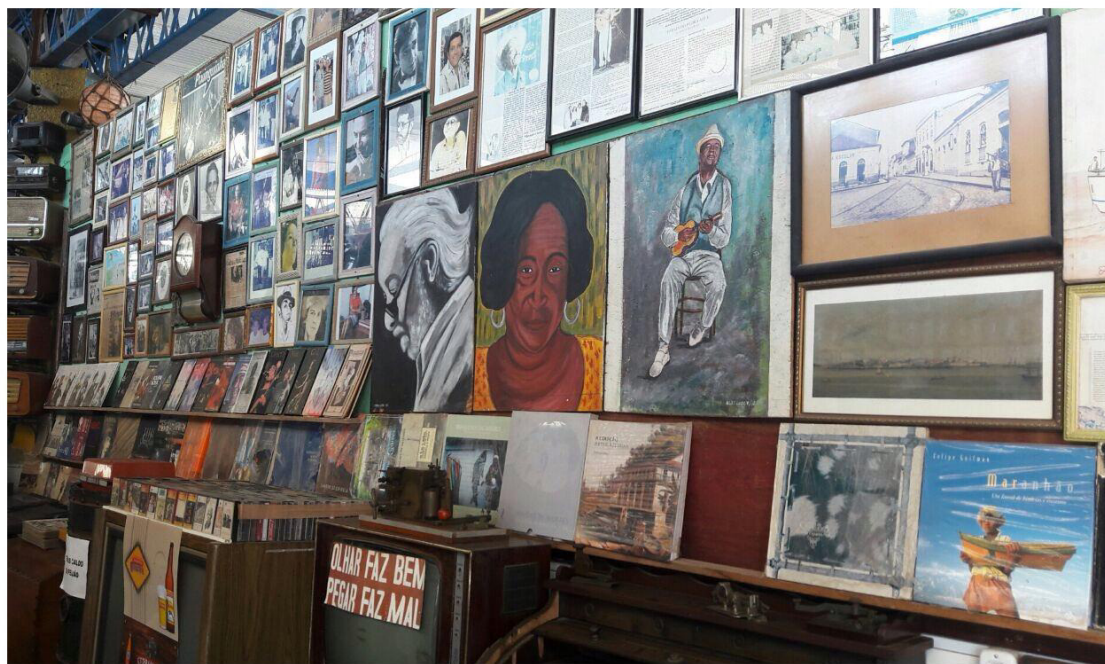


Figura 5: Painel completo com quadros, pinturas, fotos, homenagens, livros, entre outros.

Figura 6: Painel liso por conta das goteiras provocadas pela reforma.

Figura 7: Painel em construção.

Imagem: Matilde Coqueiro, fevereiro de 2017

2.1- “É proibido dançar. É proibido beijar”: bar é bar, cabaré é cabaré

Com destaque nacional, exibido no UOL Notícias, o blog do Jose Simão¹⁸ traz com o título “*Tolerância Zero! Bar do Léo em São Luís...*”, a placa com os dizeres “*Não permitimos música ao vivo / Não é permitido dançar / Não aceitamos cheques*”,

¹⁸ José Simão. Jornalista humorista. Colunista do *Jornal Folha de São Paulo*, no portal Uol Notícias. Matéria exibida em 18/03/2014. Acesso em 26/04/2017

colada em umas das televisões antigas no extenso corredor do bar, que, de cara, espanta quem vai ali pela primeira vez.

Tolerância Zero! Bar do Leo em São Luís 🗨️ 4

José Simão 18/03/2014 | 12:53



Figura 8: Publicação feita pelo jornalista humorista, José Simão, para o Uol Notícias em março de 2014.

Imagem: Internet <https://blogdosimao.blogosfera.uol.com.br/2014/03/page/2/>

Chegou um camarada, amigo do Léo, com duas moças a *derê*, pediu pro Léo botar uns Nelson Gonçalves e o Léo botou e o camarada começou a dançar com elas aqui. Mas ele tava dançando com uma e com outra com a mão enfiada dentro das calças delas. No outro dia tinha a placa. O *É proibido música ao vivo!* Foi aquele cabra que foi Secretário de Cultura, Joãozinho Ribeiro. Joaozinho Ribeiro pediu ao Léo pra fazer o aniversário dele aqui. Fez. Veio um monte de gente pra cá. Cantou, coisa e tal, aquela coisa toda, mas na hora de pagar a conta, a conta foi pro Léo.

– Não rapaz, tu faz teu aniversário e quem paga teu aniversário sou eu? (SILVA, 2017c).

Mas toda regra tem exceção, ainda mais em se tratando de boa música. A grade cheia de bananas penduradas no box do lado, já esteve em segundo plano e deu espaço para apresentações, com direito a um pequeno palco para shows feitos por artistas da terra, a exemplo de Joãozinho Ribeiro, com o lançamento do seu CD *Milhões de Uns – Vol 1* e da cantora Lena Machado, também lançando seu CD, *Samba da minha aldeia*, em 2010.

Mas as músicas ao vivo também acontecem no salão do bar, com suas mesas de pé de máquinas para apoiar os copos dos músicos boêmios. Presenciando poucas, dentre muitas palhinhas que aconteceram ali, percebe-se que esses acontecimentos são para poucos. Certa ocasião, ao ver insistentes ligações de Léo por volta das onze horas da manhã de um domingo, imaginei, “Ta rolando algum encontro de músicos que ele não quer que eu perca. Aconteceu uma pequena apresentação de Choro no bar. E essa eu perdi” (COQUEIRO, 2017).

O local que já serviu de “ensaio” para a cantora Teresa Cristina, sambista carioca. Léo fala com orgulho da presença dela no seu bar. Silvério Pontes e Zé da Velha, Paulinho Pedra Azul, Yamandu Costa são outros grandes nomes do cenário musical brasileiro que, quando chegam em São Luís, sempre dão uma passada pelo *Bar do Léo*. O cantor e compositor Elomar, após o show realizado no Teatro Arthur Azevedo, em 2014, dirigiu-se ao *Bar do Léo* com os músicos que lhe acompanhavam. E lá no cantinho, próximo ao banheiro, fizeram um som discreto. Nesses casos, o próprio Léo não faz questão de seguir com sua regra. Segundo ele mesmo conta, o dia que ele olhou sua casa mais cheia foi quando Paulinho Pedra Azul passou a noite toda tocando e cantando, quase perde o voo.

Chorinho, forró pé de serra - dando direito até a uma discreta dancinha - e samba, feitos pelos músicos da cidade, também fazem parte das apresentações ao vivo do *Bar do Léo*. Muitas vezes, artistas que fizeram apresentação em espaços de show na cidade, para ali vão se divertir, carregando seus instrumentos. E sai música ao vivo. A diversão é deles e também dos demais frequentadores daquela noite.

Mas não é que os artistas que frequentam o *Bar do Léo* precisem, necessariamente sempre dar uma palhinha. E Léo não parece se importar com isso.

Quando digo que as apresentações são para poucos, não é só pela sorte de você estar ali. Não costumo frequentar o *Bar do Léo* nas sextas feiras, pois ali percebo um público diferenciado – aprofundarei mais adiante – que foge um pouco do tradicional frequentador do bar. Pois bem. Porém, no dia seguinte de uma certa sexta feira haveria uma das edições do *Rico Choro Convida 2016*, evento organizado pelo também frequentador do bar, Ricarte Almeida, e este convidara alguns músicos para dar uma canja no Bar do Léo. Após, mais ou menos, uma hora de música instrumental, comecei a perceber um certo incômodo de alguns clientes. Eu, no lado de dentro do balcão, fui questionada por uma cliente querendo saber que horas ela iria poder ouvir “*música com letra*”. O ambiente estava sendo tomado por muitos clientes e as conversas em voz alta

começavam a abafar o som dos instrumentos. Não demorou muito, as músicas voltaram a tocar nos alto falantes. O público daquele dia parecia não se interessar muito pelo chorinho.

E as histórias se sucedem.

Quando ela chegou, eu estava escutando Jamelão. Depois botei Zeca Pagodinho cantando Candeia, aquela música *Preciso Me Encontrar*, que muita gente pensa que é de Cartola, mas é de Candeia. Que Cartola que lançou ela. E logo, logo, Maria Bethânia. Tinha saído *Carta de Amor*, os dois CDs dela e eu estava escutando Maria Bethânia. Ai ela veio [a cliente]:

- Olha Léo, já paguei minha conta, tomei minha cerveja e quando tu melhorar tua música, eu volto.

Eu disse:

- Como é que é?

- Quando você melhorar tua música eu volto.

- E a senhora queria ouvir o que?

- Um pagode e tal.

-Aqui não toca merda! (MARTINS, 2017)

“*Merda! Aqui não toca merda!*”, essa é a resposta dita com ênfase por Léo. Quando lhe pedem algum cantor que não lhe agrada.

E mais uma vez, estou tomando conta do bar, quando uma senhora pede Amado Batista. Respondi, para a garçonete, que só Léo poderia encontrar. A música que estava ecoando, acaba. A cliente, por intermédio da garçonete, pediu que eu botasse qualquer música, menos samba. Pensei: “– Como assim, você está no *Bar do Léo* e não quer ouvir samba? Eu simplesmente coloquei samba. Ao relatar o episódio ao Léo, que chegou logo em seguida, ele diz que não tem nada de Amado Batista, que não gosta de Amado Batista, então este não tem que constar no acervo do bar. E que acha o Amado Batista *uma merda*.”

E quando um(a) cliente faz uma “confusão” de estilo musical, Léo não deixa passar.

- Léo, tu tem brega?

- Tenho uns brega ai, que vocês acham que é brega.

- O que o senhor acha que é brega? Por exemplo, Nelson Gonçalves?

- Vai te fuder! Eu disse bem assim. Vai te fuder, que tu não sabe nem o que é música.

Ai ele pagou a cerveja dele e foi se embora. Vai chamar Nelson Gonçalves na cara de Léo? De maneira nenhuma. [...] Pra mim não é brega, pra mim é música romântica e taxam de brega. Miltoninho, Silvinho, Waldique Soriano, eles acham que é brega, pra mim é música romântica. Pra quem tem bom senso é música romântica. (MARTINS, 2017).

São Luís é conhecida internacionalmente como a *capital do reggae*¹⁹, mas esse estilo de música também não faz parte do repertório do Léo, que não faz questão de esconder. Se o(a) cliente pede, ele diz que não tem. Se o(a) cliente insiste, perguntando o porquê, a resposta é dada de acordo com o humor dele.

Sertanejo de raiz, axé dos anos 90 e, porque não dizer, até Padre Zezinho, por exemplo, são umas das coisas difíceis de escutar, mas se algum cliente pedir, ele tem.

O último estudo divulgado pelo IBOPE²⁰ mostrou que o estilo de música sertanejo universitário é ouvido por 58% dos pesquisados, ao menos uma vez por semana. Talvez uma triste realidade para muitos amantes da boa música. “O que é mais comum, donos de bares seguem a moda da época” (COSTA, 2017d). Para os frequentadores do *Bar do Léo*, é reconfortante saber que essa mudança no cenário musical, cada vez mais frenética, não atingirá esse espaço de lazer.

A oferta de boa música brasileira ou internacional, “cantada ou instrumental”, para os frequentadores, faz-se com o contraponto de uma série de regras que devem ser seguidas no *Bar do Léo*: o não dançar, o não beijar, talvez para demarcar uma nítida separação entre o bar museu e os cabarés (provavelmente uma das suas grandes inspirações). Do cabaré, restaram as boas músicas, o espaço aconchegante, decorado com bom gosto, mas se retirou do ambiente a possibilidade de ser um lugar de encontro destinado ao coito sexual. Desse modo, no *Bar do Léo* bebe-se, come-se sem requinte, escuta-se boa música, tem-se boas conversas (principalmente sobre música, política e sexo), mas recomenda-se que os maiores prazeres da vida fiquem em quatro paredes.

2.2- Custo e benefício: quanto vale uma cerveja no *Bar do Léo*?

Para uns, o valor da cerveja seleciona os clientes. Para outros, vale pagar um pouco mais caro por conta da qualidade musical do bar. De fato, o *Bar do Léo* não é

¹⁹Segundo Karla Cristina Ferro Freire (2010, p. 13-14)., em sua dissertação intitulada *Que reggae é esse que jamaicanizou a “Atenas Brasileira”?*, “a expressão —Jamaica brasileira— foi sendo incorporada ao imaginário do ludovicense, adotada pelos demais meios de comunicação de massa, pelo discurso turístico e até pelos órgãos governamentais (...) O reggae em São Luís foi deixando de ser concebido como cultura importada e começando a ser visto como um elemento cultural adaptado pela população local, de início, principalmente pela juventude negra concentrada nos bairros pobres da capital. Anos depois, o ritmo foi conquistando diversas camadas sociais, possibilitando sua expansão para além das periferias”.

²⁰Pesquisa realizado pelo IBOPE, nas principais capitães e regiões metropolitanas do país, entre ouvintes de rádio. Dados dessa pesquisa, realizada em 2013, apontam que 58% ouvem sertanejo; 47% MPB; 44% Samba/Pagode; 31% Forró, 31% Rock; 29% Música eletrônica; 29% Música Religiosa; 26% Axé; 17% Funk; 17% Country; 11% Clássica e 9 % Jazz/Blues. Constatou-se, também, que a maioria dos ouvintes de Rock e MPB são pertencentes às Classes A e B, de renda mais alta e mais posses de bens. Site do IBOPE.

barato. Ele tem preço de zona nobre, de praia ou de bares da Lagoa. Mas, nas entrevistas, a maioria dos entrevistados acha justo pagar um pouco mais caro (muitos reclamam do preço dos petiscos) devido à boa música e ao bom papo.

A segurança também é uma questão justificável. Boêmios que gostam de estar no boteco esquina do seu bairro, por conta da falta de segurança estão deixando de frequentar. O *Bar do Léo*, apesar de estar próximo a uma das unidades da FUNAC (Fundação da Criança e do Adolescente do Maranhão), nunca teve um episódio de furto ou assalto durante esses 38 anos de funcionamento.

Minha frequência no *Bar do Léo* começa a ser considerada assídua por volta de 2009, quando consegui um emprego com um salário maior. Muitos colegas (afinal, de algum modo todos os frequentadores assíduos se conhecem ou se reconhecem naquele espaço) que continuam frequentadores relatam que, em suas épocas de estudantes, era mais difícil manter o *padrão Bar do Léo*, e preferiam lugares mais baratos, como a Feirinha da Praia Grande.

Hoje, um pouco mais colorido, o cardápio do *Bar do Léo* continua simples, ou seja, sem sofisticação e pouco variado. A famosa tripinha é seu diferencial. O prato mais pedido na cozinha, a tripinha, substituiu o mocotó – outrora carro-chefe – que hoje sai mais aos fins de semana.

Introduzido por Jandira, ex esposa de Léo, no final da década de 90, o prato já foi chamado para participar de um concurso de comidas de boteco em São Luís. Leonildo soube do convite, mas reagiu com irritação e mau humor: “quem quiser provar a tripinha que venha aqui. Eu não vou botar a tripinha em porra de concurso de boteco” (FERREIRA, 2017).

Com uma cozinha simples, ele também serve batata frita, carne de sol, caldos, peixes fritos, sarapatel, entre outros petiscos característicos de boteco. Camarão frito, bolinho de bacalhau e frango a passarinho são os pratos mais novos no cardápio. Muitos frequentadores da casa, acostumados em pedir o de sempre, às vezes se espantam com a novidade.

Na verdade, os frequentadores assíduos do bar parecem não se importar muito com o que comer. Suas preocupações estão na cerveja gelada, que assim é servida na maioria das vezes.

Sem drinks espetaculares, o *Bar do Léo* só oferece a tradicional caipirinha, feita da maneira mais simples possível. Para quem é fã de bebidas quentes, o bar só dispõe de

whisky e campari. As cachaças temperadas com aroeira²¹ e laranja (as únicas que se mantiveram no cardápio desde sua fundação), feitas pelo dono do estabelecimento, são bastante pedidas.

A título de exemplo, as *capifrutas*, os pasteizinhos com geleia de pimenta, pão de alho, os grelhados, as massas e outros petiscos/pratos, normalmente pedidos em bares pelo público feminino, não fazem parte do cardápio. É possível que a ausência de tais itens iniba a frequência mais assídua de um público feminino variado, como o que se observa em um estabelecimento relativamente próximo ao *Bar do Léo*: o Bar Nosso Canto, também no bairro Vinhais, que não tem o mesmo perfil de público, cardápio mais variado, promoções ao longo da semana, música ao vivo, ar condicionado e clima de paquera, são alguns dos principais atrativos desse espaço de lazer vizinho, mas tão diferente na sua proposta, do *Bar do Léo*.

Na verdade, o que realmente mais me chamou atenção no Bar do Léo foi uma forma no balcão com um bolo, acho que era de trigo mesmo e eu fui chegando e fui sentando no balcão, que eu acho que era o que a maioria das pessoas faziam e aquele bolo de trigo me remeteu lá pra minha cidade, Pindaré Mirim, que aquilo era coisa típica de interior. Bolo num bar, num balcão do bar. Eu achei aquilo coloquial. Sei lá, tradicional. Brega, adoravelmente brega. [...] aquilo foi a empatia total que eu tive com o bar logo. Chegar e olhar aquele bolo de trigo no balcão e depois que eu fui prestar atenção no resto das coisas (HAICKEL NETO, 2017).

Não posso deixar de citar o saudoso bolo de trigo, que ficava exposto no longo balcão do bar. Feito por Jandira, o bolo tinha gosto de bolo de vó. O bolo era consumido tanto no bar – muitos gostam de comer um açúcar quando bebem, pra aguentar o pique – quanto fora dele, pois muitos o compravam para tomar com café, quem sabe para se recuperar da ressaca. O bolo no balcão, como os radinhos de pilha, a canoa localizada acima do letreiro e o carro de boi recém adquirido são elementos que remetem a uma cultura típica do interior do Maranhão, que Léo ressignifica e estiliza no seu *museu bar*.

Como boêmia e frequentadora de vários outros espaços, percebo que a cidade de São Luís peca muito no quesito bom atendimento. Pagamos caro para um atendimento sem requinte ou capricho. No *Bar do Léo* não é diferente. Não estou afirmando que somos mal atendidos, mas pelos altos preços no cardápio, um maior investimento nesse setor seria bem-vindo pelos fregueses. Alguns dos entrevistados, após o termino da entrevista, já com o gravador desligado, dizem que as porções servidas no bar são

²¹ “Anti-inflamatório de periquita”, termo usado por alguns clientes do bar.

pequenas, em face do valor cobrado. E, ao longo desse trabalho, alguns até sugeriram a Jandira a inclusão de coisas novas no cardápio, como o caldo de feijão, que já foi incluído.

Em tempos de crise econômica, tornou-se usual em vários espaços de lazer que trabalham com bebidas e comidas, a oferta de promoções ao público, durante dias específicos da semana. Avesso às inovações e, por vezes, colocando-se como imune ao mercado, a cerveja e os petiscos só aumentam de preço ao longo dos anos. A última incorporação de elementos modernos pelo *Bar do Léo* foi a introdução do cartão de débito no segundo semestre de 2016, depois de muita resistência do proprietário, pois tem se tornado cada vez maior a procura de espaços que trabalhem com cartão de crédito.

Essa não foi a primeira experiência com a aceitação de cartão de debito pelo bar. Anos atrás, por pouco tempo foi aceita essa opção para pagamento, como lembrou um freguês.

Nós sempre quisemos que ele botasse cartão aqui. Cartão, cartão e ele botou.

–Tai, cartão! Placa de visa e não sei o que e blá blá blá.

Não durou um mês esse cartão

–Porque [reproduzindo uma de Léo sobre o que acontecera] um bando de filho de uma égua desses que chega aqui e toma uma cerveja a noite todinha pra me pagar com cartão? Não. Vai tomar no cu porra com porra de cartão. Acabei com essa porra, arranquei tudo aqui. Um cara chegou pra pagar com cartão ai uma cerveja. Eu digo não vou aceitar não. Mas o senhor tem que aceitar (afirma o cliente). Pois não aceito mais não.

Ai ele saiu arrancando as placas todinha. (RIBEIRO, 2017b).

Contudo, além da música, o cardápio pouco atrativo também ajuda possivelmente a selecionar os frequentadores. Vai ali quem quer ouvir músicas selecionadas e tomar cerveja gelada.

2.3- O samba do carro de boi²²: o domingo de samba no *Bar do Léo*



Figura 9: Carro de boi, carregando vários LPs
Imagem: Matilde Coqueiro, julho de 2017

PROIBIDO MUSICA AO VIVO! Como já foi mencionado, toda regra tem exceção e os recentes domingos no *Bar do Léo* estão aí para confirmar isso.

Organizada pelo cliente e empresário Mario Moraes, a roda de samba dominical reúne vários bambas do cenário local. A primeira foi no domingo do Natal de 2015, bem improvisada, mas Mario ainda conseguiu reunir vários músicos e apreciadores do samba, pegando Léo desprevenido. Depois ainda aconteceram mais uns dois encontros improvisados, talvez pra firmar uma ideia que Mario já tinha em mente.

Em 19 de março de 2017, a batucada foi diferente. Pediu antecipadamente permissão ao dono do bar (das outras vezes ele chegava e se Léo estivesse de bom humor, continuava), que se preparou de todos os modos. Bar abastecido de cerveja gelada, tira gostos, em especial o mocotó - em bastante quantidade - e garçonetes para atender a demanda dos muitos clientes que lá apareceram.

²² A busca por um carro de boi durou mais de 20 anos, segundo Léo. Houve a oportunidade de comprar um carro de boi de um primo, Raimundo Carneiro, mas a irmã deste não permitiu a conclusão da venda por se tratar de herança da família. A busca não parou. Em 2016, Léo chegou a fazer pagamento antecipado para a construção de um carro de boi. O carpinteiro lhe devolveu a quantia e não cumpriu o acordado. Em 2017, a conquista veio. Encomendado de Cururupu – MA, chegou em março. Ao ser perguntado se o investimento foi alto, Léo responde rindo: “Alto. Não pode ser relatado”. Jandira, de início, não aprovou a aquisição. Como a quantia paga não lhe foi revelada, ela tenta obter a informação dos clientes mais amigos de Léo.

Mario disse que sempre teve vontade de fazer uma reunião dessas no *Bar do Léo*, não para ganhar dinheiro, mas para usar o espaço do bar, que combina muito com o momento: *roda de samba + boemia*. Sem repertório definidos, a rotatividade de músicos e seus instrumentos não parava de acontecer. E todos ali estavam pela diversão. Não foi cobrado nenhum *couver* ou entrada²³ aos clientes. Não foi pago cache para ninguém.

Naquele dia o espaço chegou a ficar pequeno para a grande quantidade de gente que chegava. O público (muitos até novatos na casa) se empolgava. Os mais antigos ficaram extasiados em ver aquela situação. Muitos dos frequentadores assíduos estavam participando, pela primeira vez, de um evento ao vivo no *Bar do Léo*.

E Léo? Não parou um segundo, andando de um lado para o outro com cerveja, bandejas e afins. Tocaram Nelson Gonçalves, a sua paixão, para homenageá-lo, mas o frenesi era tão intenso que Léo não ligou muito para aquele momento. Mas quando perguntado se havia gostado, respondeu que sim. Perguntei-lhe: Podemos fazer de novo?²⁴ E ele respondeu: Com certeza!

E assim fizemos, duas semanas depois. O samba dessa vez teve motivo, ou pelo menos arranjamos um. No domingo, dia 2 de abril de 2017, o *Bar do Léo* ganha seu mais novo item para exposição: um carro de boi. Sonho antigo, o carro de boi ocupou, no mínimo, o espaço anteriormente destinado a três conjuntos de mesas que ficavam em frente ao banheiro feminino. Impactante, no primeiro momento, a ousadia do dono do bar em querer aquela peça rústica no salão. E o *Samba do Carro de Boi* aconteceu. Dessa vez, um pouco menos divulgado, para a brincadeira ficar mais gostosa, reuniram-se novamente no *Bar do Léo* clientes e apreciadores do samba.

²³ Por se tratar de um bar aberto e onde a intenção é servir cerveja e música mecânica, os poucos eventos já realizados no bar foram de graça, todas as vezes. As despesas com som, músicos entre outras coisas fica a cargo do idealizador do evento.

²⁴ Pela visível proximidade que tenho com Leonildo, nos últimos anos, normalmente sou consultada por amigos em relação a opinião de Léo sobre algum evento no bar. Outros esperam de mim, via *facebook*, o aviso de que vai rolar mais uma roda de samba. A resistência à tecnologia inibe ainda que o *Bar do Léo* tenha um *facebook*, com a divulgação do cardápio etc. Essa resistência pode ser compreendida pelo fato de que normalmente no *Bar do Léo* vai se encontrar a mesma bebida, a mesma comida, o mesmo preço, a mesma música e as mesmas pessoas, salvo a sextas e sábados conforme já especificado..



Figuras 10, 11, 12 e 13: Registro de alguns sambas que aconteceram no Bar do Léo ao longo do primeiro semestre de 2017

Imagem: Matilde Coqueiro, primeiro semestre de 2017

Acredito que, com esses sambas, Léo tenha conquistado, pelo ao menos por hora, um novo público. Como nem sempre essa brincadeira é divulgada antecipadamente, muitos chegam a ir ao bar arriscar em participar desse evento. E do mesmo jeito que não é divulgada, os riscos do improviso andam junto. Sempre marcado para começar por volta do meio dia, a incerteza da presença dos músicos faz com que o samba comece depois das 13:00 horas. “Aqui é que nem a Máquina de Descascar Alho²⁵. Não se sabe o domingo que vai ter, nem a hora que começa” (cliente do bar em

²⁵ Tradicional bloco e grupo carnavalesco, fundado pelo músico Boscotó, nasceu no final dos anos 80, no bairro da Madre Deus, na cidade de São Luis. O bairro é conhecido por ser o berço de blocos, grupos e blocos de carnaval de ruas, tradicionais de São Luís.

conversa informal). O importante é que, quando chega a base do samba (instrumento de corda, tamborim, tan-tan, pandeiro), pode esperar que este não demora a se firmar.

Sendo questionada por alguns clientes do bar, ultimamente com mais frequência, sobre a música ao vivo no *Bar do Léo*, respondo que a questão, talvez, não seja a música ao vivo no bar e sim, quem se propõe a fazer e quando. Léo sempre deixou claro, percebo muito nas entrevistas cedidas pelos frequentadores para a realização desse trabalho, que a casa é dele, e se ele não estiver a fim, ele não faz.

Eu já vi pessoas que tiraram o violão pra tocar e ele desligou o som. A pessoa acha que ele tava querendo desligar o som pra pessoa continuar tocando.

– Ele disse: Vou fechar o bar.

E era cedo. Ai outras pessoas falaram:

– Pô Léo, porque?

– Aqui não pode tocar música ao vivo. Ou escuta a música que todo mundo quer escutar ou...

Mas o cara não sabia. (SALDANHA, 2017).

Apesar de o Léo estar mais aberto a essa possibilidade – permitir música ao vivo em seu bar – ele e Jandira (administradora do bar às sextas e sábados) percebem quando essa “apresentação” pode ser favorável ou não. Durante a escrita desse trabalho, os sambas aos domingos foram constantes, comparados à ausência de música ao vivo no cotidiano do bar. Isso despertou a vontade de vários músicos (alguns ligados ao Chorinho, por exemplo) de sugerirem ao Léo fazer apresentações no bar. Penso que é uma questão delicada. O bar está aberto a qualquer tipo de público. E muitos preferem escutar o som mecânico, pois percebem uma rotatividade de estilos musicais.

Os sambas que vem acontecendo no *Bar do Léo*, aos domingos, tem um público voltado para esse estilo de música, uma vez que Léo oficialmente fecha o bar aos por volta das 14:00 horas. Quem permanece no local, sabe que dali por diante será somente samba.

Ainda assim, este é um Léo empresário, que já consegue perceber o retorno econômico que encontros desse tipo podem lhe proporcionar. Talvez, seja devido à crise econômica que afeta o país. Só nos resta comemorar e aproveitar essa condescendência dele; e que ela continue acontecendo.

2.4- Bar do Léo: lugar de memória e sociabilidade.

A cada novo momento de organização social, determinada pelo processo de evolução diferenciada da estrutura que as compõe, a

sociedade conhece então um movimento importante. E o mesmo acontece com o espaço. Novas funções aparecem, novos atores entram em cenário, novas formas são criadas e formas antigas são transformadas. (...) Assim a categoria formação social, é não só abrangente, já que trata da totalidade de processos sociais, econômicos e políticos que atuam numa sociedade, como fundamentalmente empírica (ABREU, 2006, apud CASTRO 2013, p. 25)

Na década de 1970, São Luís passa por um processo que desencadeia um novo perfil demográfico, acompanhando o crescimento do setor secundário, a exemplo da instalação do “Programa Grande Carajás (PGC), que alterou com efeito, a distribuição para a execução de atividades econômicas no território municipal” (RIBEIRO JÚNIOR, 1999, p.100). Como já citado, nesse período cresce a construção de vários conjuntos habitacionais. “Eu que inaugurei essa merda. Dia 20 de janeiro de 79” (MARTINS, 2017). A feira do Vinhais, na época denominada Cobal, nasceu juntamente com esse bairro que participou do referido processo.

O lugar que se tornou *Bar do Léo* configurou um espaço de sociabilidade dos feirantes, prestadores de serviços do mercado e moradores do bairro, na década de 80. O espaço, na época bem menor que hoje, intercalava a obrigação e o lazer, principalmente entre os carregadores do mercado e até do próprio dono do então *Bar e Lanchonete Moraes*.

Esse espaço foi se modificando ao longo dos anos, criando outra composição no final dos anos 80, início dos 90. É nesse período que considero, através da análise dos registros das entrevistas, uma nova conformação do bar a partir da “invasão” de uma elite intelectual e cultural que o adota como seu novo espaço de sociabilidade. Considero como novo espaço, pois muitos transitavam em vários outros espaços distribuídos no centro da cidade, como expus páginas atrás.

Esse foi e continua sendo o espaço escolhido por muitos como sua opção de lazer, de momento de prazer. É nele que os clientes interagem, discutem, silenciam suas aflições. Conversando, sozinhos, ou com um desconhecido no balcão, alguns conseguem transformar um canto do bar em sua sala de aula. É lá que se sentem à vontade em ouvir as músicas escolhidas pelo dono do bar. É no *Bar do Léo*, onde muitos conseguem fazer recordar suas memórias.

O lugar é o vínculo entre o “de fora” e o “de dentro” na prática cotidiana e que essa relação só é possível devido a dimensão histórica, suas especificidades e particularidades, que envolve esse lugar e todas

as suas dimensões. Cada lugar é sim particular e se realiza em “função” de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora. (CASTRO, 2013, p. 67)

Inicialmente, talvez até sem intenção, por não saber a contribuição significativa no campo cultural e até mesmo acadêmico, Léo conseguiu transformar seu bar em um museu no sentido de preservar o passado, e muito do seu passado.

Nem sempre encontramos as lembranças que procuramos, porque temos que esperar que as circunstâncias, sobre as quais nossa vontade não tem muita influência, as despertem e as representem para nós. Nada é mais surpreendente em relação a isso do que o reconhecimento de uma figura ou de um lugar, quando estes voltam a se encontrar no campo de nossa percepção (HALBWACHS, 2006, p. 53).

Leonildo preserva suas memórias (infância/adolescência na Baixada), oferecendo um *lugar de memória* para seus clientes. Sempre em busca de novidades antigas para complementar seu estabelecimento, hoje com o dia mais livre, pois o horário de funcionamento do bar, em sua maioria, é noturno, ele continua procurando novas peças, algumas vezes acompanhado de amigos. Ele sabe que o cliente, quando chega ali, consegue, nem que seja por alguns minutos, voltar ao seu passado. Como diz Halbwachs (2006, p. 53), “através da memória e da reflexão – jamais consegui reconstruir esta combinação singular e exata de impressões sensíveis, só ela poderia orientar meu espírito exatamente para esta lembrança”. E diz também esse autor:

Reconhecer por imagens, ao contrário, é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos. (HALBWACHS, 2006, p. 55)

Ferro de passar, máquinas fotográficas, colheres de pau, geladeiras, baús, televisões, rádios, telefones, pilões, máquinas de datilografia, instrumentos de pesca, material antigo utilizado em cozinhas são dos muitos objetos que nos remete lembranças.

A memória é seletiva. Escolhemos, conscientemente ou não, o que queremos lembrar. Ao entrar no *Bar do Léo* pela primeira vez, o cliente consegue trabalhar sua memória e, possivelmente, procurando aquele espaço como sua opção de lazer, ele vai recordar com prazer momentos vividos ou histórias ouvidas.

Segundo Nora, existem três sentidos para *lugar de memória*: material, funcional e simbólico. O *Bar do Léo* pode ser enquadrado como *lugar de memória* no sentido simbólico, uma vez que esse autor considera simbólico, “quando um acontecimento ou experiência vividos por um pequeno número caracteriza uma maioria que dele não participou” (NORA,2003, p 22).

A construção desse espaço faz com que Léo afirme sua identidade, através de objetos que remetem ao seu passado. Os barcos, os materiais de pesca (redes, cofos, anzóis), o carro de boi, são objetos que lhe remetem à Baixada maranhense onde nasceu e viveu até a adolescência.

3. CAPITULO 02: “O boêmio voltou novamente”: perfil dos frequentadores assíduos e antigos

A boemia constrói um modelo simetricamente inverso à vida privada burguesa. Primeiramente por sua relação invertida com o tempo e o espaço; vida noturna sem horários – o boêmio não usa relógio – de intensa sociabilidade tendo como palco a cidade, salões, bares e avenidas. Os boêmios ‘não conseguem dar dez passos na avenida sem encontrar um amigo’. Conversar é seu prazer, sua principal ocupação. (PERROT, 1991, apud VALASQUES, 1994, p. 18)



Figura 14: Cliente no extenso balcão do Bar do Léo, tomando cerveja e lendo um livro
Imagem: Matilde Coqueiro, abril de 2017

Figura 15: Cliente no Bar do Léo, domingo pela manhã, olhando a movimentação da feira.
Imagem: Matilde Coqueiro, julho de 2017

Muito da expressão boêmio, no Brasil, consolidou-se no Rio de Janeiro, nas décadas de 20 e 30, quando identificado ao universo de sociabilidade intelectual que ali existia. Estudantes, escritores, poetas, músicos, jornalistas, entre outros que faziam parte

de um universo mais letrado, buscavam os bares da cidade para se dividir e discutir suas produções.

São Luís, por muito tempo, carregou o título de *Atenas Brasileira*²⁶ por ter sido destaque nos séculos XIX e XX no cenário intelectual do país, através de grandes poetas e escritores. Além disso, o estado conseguiu criar seu próprio estilo musical, conhecido como MPM (Música Popular Maranhense). Essas particularidades ainda permeiam a aura maranhense. Considero o *Bar do Léo* um dos ambientes em que se consegue respirar essa atmosfera intelectual e musical que ainda existe na cidade.

Amantes da boa música, os frequentadores assíduos do *Bar do Léo* buscam no lugar um ambiente para discutir, por exemplo, o cenário atual da cidade e/ou do país.

Desde a sua abertura, o bar tem funcionado dentro de uma feira, onde seus primeiros clientes eram, na sua maioria, carregadores dos legumes, feirante, pessoas de baixa escolaridade, o espaço do *Bar do Léo* começou a fazer parte do lazer de muitos acadêmicos – professores e alunos – principalmente da UFMA, no início da década de 90.

Ai que eu digo! A história de Marcio Jerry com esse bar, não é que ele tenha inaugurado o bar. Ele contribuiu pra registrar o Bar do Léo e foi ele que levou o nome Bar do Léo pra Universidade do Maranhão! E ai se expandiu. Já teve aula aqui de universitário. [...] Faltou energia na universidade. – Vamos terminar essa aula no Bar do Léo? Ai vieram pra cá (MARTINS, 2017).

“São pessoas geralmente ligadas à área de humanas da universidade. São acadêmicos, ou então pessoas ligadas à cultura que não tinha essa titulação acadêmica” (OLIVEIRA, 2017). Pergunta respondida pela maioria dos entrevistados que contribuíram para a realização desse trabalho, a resposta acima sustenta o padrão, não único, do perfil do frequentador do *Bar do Léo*.

Vale ressaltar que os frequentadores que não tem nenhuma ligação acadêmica, por exemplo, foram apresentados, em sua maioria, ao Bar do Léo por pessoas ligadas ao perfil citado acima.

O bairro do Vinhais surgiu em 1979²⁷ – ano em que Leonildo Peixoto passa a ser empregador, ao invés de empregado, com seu *Bar e Lanchonete Moraes* – constituiu um

²⁶ Ver BORRALHO (2010, p. 33-42).

²⁷ Conforme Ribeiro Júnior (1999, p 92): “Para intervalo 1970 – 1980, percebemos que houve ocorrência da mais alta taxa de crescimento geométrico da população e, se ampliarmos nosso intervalo temporal, desde 1940 a 1991, foi aquele período de fato, o de maior *boom* demográfico. Para esse período, inclusive de acordo com a orientação da política federal de habitação, capitaneada pelo extinto BNM (1964 –

dos novos conjuntos residenciais da classe média na cidade de São Luís. Talvez, ao longo dos anos 80/90, os moradores do bairro tivessem frequentado um pouco mais o bar. Porém, nos dias atuais essa frequência diminuiu; alguns moradores do bairro não sabem onde fica o *Bar do Léo*. “Santo de casa não faz milagre” é o que responde o frequentador Alex, quando pergunto se os moradores do bairro frequentam o bar. Jandira, já no estabelecimento há quase 20 anos, confirma essa ideia.

Cenário de encontro de muitos políticos, professores, estudantes, pessoas ligados à cultura, direta ou indiretamente, formadores de opiniões, o *Bar do Léo* é o lugar perfeito para quem quer dividir, discutir opiniões e aprender sobre assuntos que estão presente no dia a dia.

Tem muita gente que, inclusive, como é que se diz, arriscando literalmente. Então tem dia que eu tô aqui em casa, enche o saco, termino de ler alguma coisa, de fazer alguma coisa e digo – dez horas em vou tomar uma cerveja no Léo. Você vai sozinho, sem combinar com ninguém, sabendo que eventualmente vai encontrar um ou outro amigo ou então algum conhecido pra conversar, discutir política, saber das novidades da cidade (COSTA, 2017d).

Muitos dos entrevistados pontuaram outros lugares que frequentavam antes de conhecer e, porque não dizer, permanecer no *Bar do Léo*. Nos anos 70/80 as famosas Bases²⁸ eram o circuito frequentado pela boemia da cidade. Destacou-se a *Base do Germano*²⁹, que era uma das principais atrações de São Luís, na época. Inicialmente, e por muito tempo, funcionou na Macauba, local de difícil acesso na época, depois passou para o bairro da Camboa. Chegou a receber grandes nomes do cenário político e musical, como Chico Buarque de Holanda, Roberto Carlos. Servia uma famosa caldeirada de camarão, carro chefe da casa.

“Ele [Germano] morava em um beco, sobradinho em frente e lá ele mandou fazer um painel de azulejo com a seguinte frase, que ia se repetir aqui no Maranhão

1986), nos principais aglomerados urbanos do país proliferou a construção de moradias populares. Em São Luís, muito em função do alargamento demográfico, tornou-se mister e urgente a construção de conjuntos habitacionais em resposta à vasta demanda proveniente de estrato médio e baixo da sociedade. Assim, entre o final dos anos 60 e termino dos 70, foram eretos diversos conjuntos de moradia popular, alcançando inclusive setores da classe média local. Conjuntos como Cohama, Ipase, Maranhão Novo, Vinhais e Bequimão foram alguns dos bairros construídos nos anos 70”.

²⁸ As “Bases” maranhenses são pequenos restaurantes, ou bares, geralmente situados nos fundos (quintais) das casas de pessoas *experts* em algum tipo de comida típica, onde se reúnem os boêmios, comerciantes e funcionários públicos, quase sempre aos sábados, depois do trabalho, para conversar e beber, longe das vistas do público indiscreto. Pelo costume de ali estarem sempre, diz-se que são “baseados” naquele lugar. Geralmente essas “bases” levam os nomes de seus proprietários. Fonte: Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, n. 46, jun. 2010

²⁹ Ele era conhecido por sua intolerância e arrogância. Em 1982 é morto após uma briga de trânsito.

todo: Deus dê longa vida aos meus inimigos para que eles assistam de perto a minha vitória” (SILVA, 2017, D). Com um perfil parecido ao de Léo, ele tinha seus vinhos e colocava a música que queria. Também tinha suas exigências, enchendo as paredes de “cartazes de advertência aos fregueses: Não batuque nas mesas, não ponha papel no chão, mantenha a boa educação”.³⁰

Nas proximidades do bairro Lira/Codozinho funcionava a *Base do Edilson* e a *Base do Rabelo*, com especialidade em peixe e galinha, respectivamente. A *Base da Lenoca*, atualmente na Avenida Litorânea, e a *Base da Diquinha*, está ainda no mesmo local, ambas funcionavam na Camboa e também incrementavam o circuito. Diferente do *Bar do Léo*, a especialidade das Bases era a comida.

O *Moto Bar*, localizado na Praça João Lisboa, e o *Bar do Hotel Central* também eram pontos boêmios que foram fechando ao longo da década de 80, coincidindo com a expansão de São Luís para as bandas do Ipase/Vinhais/Bequimão e Maranhão Novo, como já citei.

Houve uma época em que uma área no centro da cidade ficou conhecida como *Baixo Leblon*, referência aos barzinhos no bairro *Baixo Leblon*, do Rio de Janeiro.

Era um ponto de encontro na esquina da Rua do Ribeirão, onde tinha o *Bar do Cazuzza*, tinha outros bares do lado e tinha outros bares aqui na Beira Mar. Tinha outros dois botecos, inclusive ainda tem um na esquina do Ribeirão com a rua do colégio Santa Teresa. Até hoje é um boteco de esquina. Então daquele canto pra lá se reunia essa galera que era muito de... maluco, de gente doida, que queria viver com intensidade a vida noturna. (BOGÉA, 2017)

No final da década de 80, começa o programa de revitalização da Praia Grande, o Projeto Reviver³¹, que possibilitou a reforma do prédio que na parte interna tem a Feira da Praia Grande e a abertura de vários bares e restaurante (como o *Antigamente*), lugares que vieram somar no cenário da boemia ludovicense. Muitos dos entrevistados, que começaram a frequentar o *Bar do Léo* nos anos 2000, tinham na *Feira da Praia Grande* o seu espaço boêmio, uma vez que fica perto da UFMA, e era uma forma de

³⁰ Comissão Maranhense de Folclore –CMF. Boletim da CMF nº 46. Junho/2010.

³¹Denominação do projeto efetivado, principalmente, na década de 1980 no governo de Eptácio Cafeteira, o qual tinha como objetivo inicial revitalizar o Centro Histórico de São Luís. Conforme Corrêa (2003, p.128) estavam previstas nesse projeto ações de revitalização da área a partir da implantação de pousadas e de um Programa de Habitação voltado para funcionários públicos, que não tiveram aplicação significativa. O bairro da Praia Grande, maior contemplado pelas ações de tal projeto, passou a ser denominado na mídia e no cotidiano de moradores da cidade, turistas, moradores e frequentadores da área como Reviver. Para maiores informações, consultar Corrêa (2003, p.128-136).

intercalar com o *Bambu Bar*³². O *Bar do Rui*, localizado na avenida Beira Mar, próximo à antiga Refesa, e o *Ponto de Fuga*, na Madre Deus, também fazem parte da vida boêmia dos entrevistados na década de 90.

Cabe aqui falar de outro espaço que acolhe um público diferenciado na cidade de São Luís: o *Chico Discos*. Hoje em funcionamento da rua do Giz, é voltando para um público mais *cult*. Considerando seu bar uma cachaçaria, o ambiente com uma decoração diferenciada e envolvente, o *Chico Discos* é mais aberto a novidades, permitindo shows, lançamentos de livros, de revistas, de CDs, festas que englobam a proposta do bar. É uma opção perfeita para quem prefere a nostalgia do Centro, oferecendo cervejas diferenciadas, acompanhadas de queijo, salame e azeite, único petisco da casa.

Espaço que sempre procurou imprimir um ambiente de respeito, o *Bar do Léo*, por exemplo, as segundas-feiras já foram cenário de encontros entre políticos. “Na segunda feira vinha jornalista e petistas, que hoje são donos de blog e não sei o quê e faziam uma reunião aqui. Se esculhambavam ai e tal” (MARTINS, 2017). Quero deixar claro que o *Bar do Léo* nunca serviu de comitê político ou qualquer significado próximo a isso. O que percebo, é que, por muito tempo, foi um dos ambientes escolhidos por uma esquerda política – a maioria dos frequentadores – pra ali continuar a discutir suas ideias, acompanhada de uma cerveja gelada.

Aqui tinha época de uma tal de segunda sem lei. Não sei qual era o ano. Então dia segunda-feira vinha muitos artistas, militantes políticos de esquerda. Então se discutia muito ideias, ideais. Então isso pra mim era muito ... [...] Era efervescente, era lotado. Era uma discussão desenfreada. Agora essa discussão. [...] pelas pessoas que frequentavam, sabiam do limite. Então era uma divergência de opinião, uma amplitude muito grande de situações, mas pra vias de fato, pra ele intervir, não. [...] mas essa segunda era forte, era violento, inclusive por pessoas que politicamente dominam o Estado, que tem cargo de relevância. Hoje tem pessoas que participavam disso, que hoje tem um cargo bem relevante dentro do cenário político estadual (SALDANHA, 2017).

Sempre em contato com um pouco da cultura da cidade, não senti dificuldade de identificar, mesmo não conseguindo retorno de muitos, e entrevistar frequentadores assíduos ou que já o foram um dia, do *Bar do Léo*.

³² Como define Elba Mota (2017), em sua entrevista: “um bar mais representativo no contexto dos universitários”.

Muito mais frequentado por pessoas com esse perfil, vejo nisso um dos motivos para o bar se firmar e resistir nessa cidade, nos quase 40 anos de funcionamento.

E essa coisa que eu acho que ali as pessoas não são *fakes*. Eu tenho essa impressão. Pras pessoas de fora nós somos todos *fakes*. Eu já ouvi um pouco disso: ah, esse povo que vai pro Bar do Léo é uma galera que pensa que tá na década de 70. Ah, o Bar do Léo... o Léo é chato, é um povo chato que vai pra lá, é um povo metido a ateniense (FERREIRA, 2017).

Fake, metidos, metidos a intelectualizados é assim que muitos de fora definem os frequentadores antigos do bar. No decorrer da realização desse trabalho, e ao compartilhar a ideia de fazer minha pesquisa sobre o *Bar do Léo*, surgiu comentário do tipo: “Não frequento o Bar do Léo porque só dá pessoas pedantes”; “Não gosto do lugar porque as pessoas que frequentam lá se acham”. A primeira fala é de pessoa da academia, a outra de alguém ligado à política.

Sexta-feira é o dia mais escolhido pelas pessoas para viverem um *Happy hour*, o dia de esticarem a volta pra casa. Dia para qualquer dono de bar faturar. No *Bar do Léo* não é diferente. “Principalmente nas sextas-feiras vem um pessoal meio nada a ver, pessoal que tá pouco interessado, está interessado no bar em si, com a música. Fala alto e pede umas músicas meio estranhas...” (CARVALHO, 2017).

Ao marcar as entrevistas com os frequentadores do bar, percebi uma preferência por optarem não fazê-las nas sextas feiras. E muitos, de fato, frequentam o bar é durante a semana.

Nas sextas feiras, o ambiente é tomado por uma “galera” mais nova, não só de idade, mas também no conhecimento do bar. Muitos estão ali pela primeira vez. E talvez nem voltem. As músicas tocadas são mais populares, apesar de ser mantido o padrão *Bar do Léo*. A cozinha se torna pequena pela quantidade de pedidos feitos. As pessoas vão mais arrumadas, talvez só pra fazerem uma “base” e dali partirem para outro lugar. Para a maioria de seus frequentadores assíduos o *Bar do Léo* “fecha” nas sextas-feiras. Boêmio não gosta de sair nesse dia.

A abertura do *Bar do Léo* aos sábados e domingos é feita logo no período da manhã. Aos sábados, às 9:00 horas; aos domingos, um pouco mais cedo, praticamente acompanhando a abertura da feira. Em ambos os dias se tem um público que transita entre a feira e o bar. Por serem as duas noites (sextas e sábados) em que Jandira está a frente, Léo acorda com disposição renovada para abrir o bar pela manhã bem cedo.



Figura 16: Domingo na Feira do Vinhais.
Imagem: Matilde Coqueiro, julho 2017

Nesses dois dias, o público que o frequenta também se diferencia daquele dos demais dias da semana. Normalmente tem a turma do futebol, dos trabalhadores/empresários que já não tem mais pique de esticar depois do trabalho, durante a semana. Nos sábados à tarde, o movimento diminui, voltando a melhorar no final do dia, intensificando a noite. Muitos que saem de casa com o intuito de comprar um tempero para o almoço de domingo, na feira do Vinhais, aproveitam pra ali tomar uma cerveja, mesmo que seja rápido, e encontrar conhecidos.

Famílias também acompanham esse lazer. Percebo que esse é o dia em que mais se tem a presença de crianças e esposas. Talvez, por não apresentar no cardápio opções de refeição, a passagem das famílias no bar seja curta. E não posso deixar de mencionar os próprios funcionários da Cobal. É no domingo que muitos trabalhadores aproveitam o final do expediente para aliviar o calor e relaxar, depois de uma manhã cansativa e intensa, como acontece em muitas feiras.

Mas, com certeza, todos os frequentadores do *Bar do Léo* têm uma coisa em comum: o interesse pela música e pela boemia.

3.1- “*Se Amália não quiser ir, eu vou só!*”: as mulheres do Bar do Léo

Conforme Marina Dantas de Figueiredo, inspirada em Bourdieu: “A especificidade da relação de mulheres em um ambiente associado às relações

masculinas, neste caso, o bar, implica a negação de uma hierarquia social que impõe a 'oposição entre o universo público, masculino, e um mundo privado, feminino, entre a praça pública e a casa' (BOURDIEU, 2005, apud FIGUEIREDO 2009, p. 72).

A mesma autora (FIGUEIREDO, 2009), dialogando com Roberto da Matta, aponta que: “As ações femininas, no espaço do bar, deixam de obedecer ao ‘código da casa e da família’, e passam a se inserir no ‘código da rua’ (DAMATTA, 1987, p. 52). E fazem com que as mulheres compartilhem de um novo status social, que desobedece a lógica tradicional de organização social e da divisão do trabalho. É como se o espaço determinado do bar servisse de intermediário para uma nova dinâmica social entre gêneros, criando uma zona de conversação ‘entre posições polares e rigorosamente exclusivas de um ângulo prático ou individualista’ (DAMATTA, 1987, apud FIGUEIREDO, p. 112).

Em pleno século XXI, ainda se considera árdua a luta das mulheres para compartilhar os mesmos lugares que os homens. Quando falamos em bar, associamos o espaço, quase imediatamente, a um ambiente masculino. No *Bar do Léo* não é diferente.

Se eu marcasse com minha esposa pra ela me esperar aqui no Léo durante duas horas de relógio, ela ficaria tranquila durante duas horas de relógio. Porque eu acredito que aqui no Léo, em termo da mulher, a mulher em si, ter um espaço pra poder beber uma cerveja e curtir uma música... eu não vejo outro espaço. Eu nunca vi uma mulher ser assediada, sair reclamando. Porque aqui a gente tinha uma fama, quando tava bebendo de chamar de quartel do Léo. Sempre deu mais homem que mulher, não sei agora. Porque realmente os homens vinham pra escutar uma boa música, trocar uma ideia e pronto. Tanto que eu já vi umas e outras mulheres falando assim: Vem cá, tu tá indo pra onde? Vou pro Léo. Então tudo bem. Vai pro Léo. Tu pode ir pro Léo, não tem problema não (SILVA, 2017a).

Ao fazer minha lista de frequentadores do *Bar do Léo*, que pudesse entrevistar, percebi a dificuldade de encontrar frequentadoras assíduas. Pedi ajuda ao Léo, mas ele mesmo teve dificuldade de me indicar nome de mulheres que frequentam seu ambiente assiduamente.

Preconceitos, tanto por parte dos homens quanto das mulheres, mas ainda é estranho (antes era difícil!) você olhar uma mulher, sozinha, tomando uma cerveja em algum bar. Na atual conjuntura, as mulheres estão se permitindo desfrutar os mesmos

espaços dos homens³³, mas o machismo, ainda muito presente na nossa cultura, faz com que muitas mulheres achem que não possuem tal direito.

O diferencial das frequentadoras assíduas do *Bar do Léo* é que normalmente não vão lá só para tomar uma cerveja. O *Bar do Léo* é um dos poucos espaços, para não dizer o único, onde as *boêmias*, que eu entrevistei, se sentem à vontade em tomar sua cerveja sozinhas. Sentem ali uma “segurança”.

Não é qualquer vagabundo que chega e senta ali e pede uma cerveja, já prestou atenção nisso. Seu Léo sempre me falou uma coisa que é muito legal. Ele queria um bar que uma mulher podia tomar uma cerveja sozinha, que o homem podia tomar uma cerveja sozinho sem se sentir invadido. E é uma coisa muito bacana, que eu tenho coragem de sair da minha casa e tomar uma cerveja no Bar do Léo sozinha, sem me preocupar, sem me sentir assediada. Tu é mulher, tu sabe. A gente vai e o tempo todo se sentindo assediada, se sentindo invadida e aqui não, aqui o povo tem um, tem um certo receio de chegar. E aqui, muitas vezes, tem a mulher que chega aqui e senta sozinha, pra tomar sua cerveja, pra pensar, pra refletir e eu acho isso muito bacana. Em pouquíssimos lugares aqui em São Luís tu pode fazer isso (SOUSA, 2017).

No início, muitas vezes, chegando em grupos, algumas mulheres escolheram o *Bar do Léo* como um ambiente de sua frequência assídua. Muitas delas, vivendo o momento de estudantes universitárias: “e nós aproveitamos essas saídas que todos os graduandos fazem e vim pra cá. Quando conheci, eu acho que nunca mais deixei de frequentar” (COSTA, 2017a). O *Bar do Léo* se torna, muitas vezes, ponto de encontro desses grupos. Percebo, nas entrevistas, que muito desses grupos, ao longo de suas trajetórias acadêmicas, foram se perdendo ou se renovando, mas o espaço *Bar do Léo* continuou a fazer parte da vida delas.

Acho que isso se dá muito pelo acolhimento do próprio dono, pois mesmo estando atrás do balcão, escolhendo a próxima música, ele não deixa de nos observar e até mesmo proteger.

Eu lembro até que uma vez um cara queria pedir pra uma garçonete levar um bilhete pra uma de nós e o Léo foi brigar com ele e disse: – Essas não. Essas vem pra cá pra beber. Essas não vem pra cá procurar macho. Conheço há muitos anos, bebem aqui há muitos anos

³³Além do espaço do bar, o futebol, política, profissões e até as próprias universidades, são alguns exemplos de espaços que tiveram por muito tempo uma dominação masculina. Em seu artigo História das Mulheres, Joan Scott, analisa a luta das mulheres nos Estados Unidos para ingressar no meio político e intelectual nos anos 60, através dos movimentos feministas, bem como “a emergência da história das mulheres como um campo de estudo acompanhou as campanhas feministas para a melhoria das condições profissionais e envolveu a expansão dos limites da história” (SCOTT, 1992, p.75)

e elas não são disso. Então, assim, foi muito que a gente até ficou lisonjeada com a atitude dele e tal, de ter esse reconhecimento (FERREIRA, 2017).

O perfil das mulheres que eu entrevistei e que frequentam assiduamente o *Bar do Léo* é de mulheres com escolaridade de nível superior, principalmente da área de Ciências Humanas e/ou com uma independência financeira já conquistada.

São mulheres que tem maturidade. São mulheres, na minha opinião, que são intelectuais ou com intelectualidade ou que tenham uma vivência de arte e tem sensibilidades. Não somente intelectuais, mas são mulheres de várias tendências no ponto de vista artístico, do artista do ver, do artista do sentir, da arte de sentir as coisas. O artista não é somente aquele que faz, que opera, mas aquele que sente. O artista também do ver as coisas (MORAES, 2017)

Mas as mulheres que frequentam o bar não se resumem a mulheres intelectuais. Deixando um pouco a ideia da assiduidade, o bar também é frequentado por muitas mulheres solteiras, que escolhem o espaço para se divertir com amigas e amigos. Solteiras, não no sentido de procurarem o espaço para paquerar, mas por se sentirem confortáveis em poder desfrutar de um ambiente que lhes proporciona boa música e “segurança”.

Eu sei que se alguém sentar aqui, só vai sentar se eu permitir... que você sabe o perfil das pessoas que frequentam. Ai não tem como, eu me sinto mais segura aqui. Essa coisa de sentar só em algum lugar, às vezes não é em qualquer lugar que me sento. Sento, mas não me sinto à vontade. Aqui não... é o único lugar que tenho coragem de sentar aqui e tomar minha cerveja, com bastante tempo. Pode até acontecer (em outro bar), sento pra tomar uma cerveja, mas não passa de uma. Aqui não. É a questão da segurança e do perfil dos frequentadores. (COSTA, 2017a)

Além do próprio Léo se preocupar com suas clientes, o próprio perfil dos frequentadores masculinos – exposto no decorrer desse trabalho – passa também essa segurança. Em sua maioria, os homens que frequentam o bar sabem que aquele é um “local de respeito”, e os que não sabem, por serem novos no ambiente, o Léo os avisa da sua maneira. E mesmo que alguém insista, sempre tem alguém “da casa” para ajudar em alguma situação mais desagradável.

(...) chegou uma moça e um rapaz e ficou ai, bebeu, bebeu. Com pouca estavam se beijando, se agarrando e não sei mais o que. Matilde, eu ri muito, porque ao mesmo tempo que seu Léo é

ignorante, ele é cômico, não sei se tu já percebeu isso. Ele tem umas coisas cômicas. Ai o rapaz se beijando, se beijando. Seu Léo disse:

– Olha, aquilo ali não tá certo! [se dirigindo a Nezia].

O cara ficava de joelhos e ficava conversando com ela. E agarrava e beijava. Ai eu fui lá outra vez e:

– Olha, é o seguinte, aqui a gente não permite esse tipo de coisas. Você pode beijar, mas não pode tá se agarrando.

Quando eu virei as costas, a menina já tava de novo. Ai seu Léo tava vindo de lá e já injuriado com a mulher. Eles estavam se agarrando e seu Léo:

– Olha, o negócio é o seguinte, se vocês quiserem trepar, vão pro motel, porque eu só vou trepar de madrugada e é se minha esposa quiser e se ela quiser eu não vou trepar. Então se vocês vão trepar podem procurar o rumo de vocês.

Matilde, todo mundo ficou chocado com seu Léo. O pessoal pagou a conta e foi embora (SOUSA, 2017).

Apesar de Leonildo ter sido um homem muito mulherengo, e frequentador de muitos caberés da cidade de São Luís, ele sempre impôs respeito no seu estabelecimento. Aquele é o espaço dele, a casa dele e da sua família, um dos motivos dele querer que aquele espaço não se confunda com o espaço que por muito tempo foi seu lazer – os cabarés.

Desde de quando eu cheguei aqui, lá em 2001, já tinha essas regras. Uma, que mulher não podia sentar no colo do home, de tá beijando, aquela coisa assim.(...) Eu até acho muito legal de homens sentar à mesa sem camisas. (...) Uma vez chegou um rapaz aqui, eu acho que ele tomou umas oito cervejas e na nona cerveja ele queria, porque queria tirar a camisa, por exemplo. Ai teve aquela confusão e eu fui lá:

– Moço, olha, aqui é uma regra da casa, a gente não atende homem sem camisa e tudo.

Ai ele pegou:

– Ah, por que? Porque eu quero ficar sem camisa. E aí?

Ai eu peguei:

– Olha, mas a gente não atende, a gente não aceita clientes sem camisas aqui.

Fui lá conversar com seu Léo. Seu Léo pegou e simplesmente disse pra ele ir embora e não pagar oito cervejas.

– Seu Léo, como assim? - ela disse

– [Léo] Vai embora, meu pagamento é só você não voltar mais aqui (SOUSA, 2017).

Mas já houve casais que se formaram ali. Como também há mulheres que chegam para buscar alguma aventura. Isso existe em todo lugar, e o *Bar do Léo* não é exceção.

3.2- “Ando devagar por que já tive pressa...”: 2009, um pesadelo para todos nós

As eleições ocorridas no ano de 2006 para governador do estado pareciam ser o início para o fim da oligarquia Sarney, que chegou a comandar o estado por 50 anos (1966-2014). O então político Jackson Lago, eleito governador naquele ano, não consegue finalizar essa nova trajetória política em que foi empossado. O que seria o rompimento da dominação da família Sarney, só durou os dois anos e três meses em que ele se manteve no cargo, tendo o mandato cassado em abril de 2009. No mesmo mês assume a então segunda colocada, Roseana Sarney, reeleita nas eleições de 2010. Esse era o cenário político do estado.

As ameaças ao Léo e ao seu incrível acervo foram gestadas no governo passado e vieram à luz via ordem indireta de despejo pela vontade expressa do atual governo [de Jackson Lago], que ainda publicou nota mencionando, ao que soube, um parecer da Procuradoria Geral do estado do Maranhão dizendo que no Mercado do Vinhais não se pode vender bebidas alcoólicas (SILVA, 2009)

Uma das versões conhecidas acerca desse caso é que houve a proibição de venda de bebida alcoólica em feira. Esse foi o “motivo” para acabar, por mais ou menos uns quatro meses, com as noites de sono de Léo. O Maranhão parece que prefere retroceder em alguns momentos. Nas grandes capitais do Brasil, os mercados, as Ceasas ou Cobais tem grandes estruturas que chegam a fazer parte do roteiro turístico das cidades, como os Mercados Públicos de São Paulo, Belo Horizonte, a Cobal do Humaitá, no Rio de Janeiro, a antiga Ceasinha de Salvador (hoje conhecida como Mercado do Rio Vermelho), o Mercado Central de Florianópolis, entre outros. O que elas têm em comum? Todas vendem bebidas alcoólicas, possuem restaurantes, inclusive sofisticados, e todas recebem grande quantidade de visitantes.

Hoje, em São Luís, o mercado referência é o da Praia Grande que resiste ao descaso dos governantes e dos próprios frequentadores locais. O Mercado Central, localizado na Beira Mar, está “jogado às traças”.

Na época do caso aqui relatado, a administração da Cobal era supervisionada pelo Governo do Estado. Havia dois anos que a cooperativa estava com o contrato atrasado, porém, Léo mantinha suas documentações em dia, como relata: “Ele [Bulcão] chegou pra mim e disse: Poeta, como tá a situação do bar, tá legalizado? Ai eu corri pra pegar o documento. - Não, sua palavra. É legalizado? Eu digo: É” (MARTINS, 2017).

Um dia ele veio aqui, esse secretário [o que baixou proibição] e ele dizendo que num mercado, feira, não podia ter bar. Eu fui e disse:

Jandira, fecha os ouvidos que vou dizer aqui umas verdades pra esse cidadão. Ele queria que eu vendesse só água mineral e tal. Eu disse: *bar sem bebida alcoólica é uma foda sem gozar, comandante. Ai ele virou pra mim e disse: Seu Léo não dá pra conversar com o senhor.* E eu saí. (MARTINS, 2017, grifos meus).

Será que a venda de bebida alcoólica em uma feira foi o real motivo para essa ação? E porque tal decisão, da proibição, não se estendeu aos demais estabelecimentos da cidade? Feira da Praia Grande, Mercado Central, Feira do João Paulo, dentre outros espalhados pela cidade e pelo estado? Houve algum interesse pessoal por parte de quem iniciou esse movimento?

A ameaça do fechamento do bar afetou os feirantes do hortomercado.

Só se renovava o nosso contrato, e a gente tava acéfala há dois anos ou mais, que a gente tava sem contrato. Então a qualquer ‘hora eles podiam botar todo mundo pra rua e dizer: olha, a gente vendeu o prédio(...) O argumento era que só renovava o contrato com a cooperativa se tirasse o Bar do Léo, porque não poderia existir um bar dentro da feira. E a cooperativa não aceitou, logico. Léo faz parte, Léo foi o fundador, Léo tá aqui antes do que muitos e muitos (...) então o Léo é um patrimônio nosso, da nossa cooperativa, da nossa feira, do nosso mercado. Não é só o bar, é o Léo que é a peça principal. Então seria injusto a gente querer puxar brasa pra nossa sardinha e deixar a dele de molho. Então botamos o pé na parede (LOIOLA, 2017).

Apesar desse acontecimento ter ganho mais visibilidade no mês de julho de 2009, Léo vinha enfrentando essa ameaça há pelo menos três meses, segundo ele. Chegou a ser comunicado ao advogado da cooperativa o prazo de 48 horas para Léo deixar o estabelecimento. “Foi um trabalho formiga, mas eu acho que o maior trunfo foi a mídia, porque a mídia teve como proporcionar pra sociedade em si, no Maranhão, fora do Maranhão, o que tava acontecendo com o patrimônio nosso”. Em julho de 2009, houve uma verdadeira mobilização por parte da mídia, poetas, músicos, jornalistas, amigos, clientes e políticos. Vários artigos foram publicados, permitindo ao público participar da real situação que estava acontecendo³⁴. Houve posicionamentos no meio radialista com a participação de defensores da permanência do bar. Houve o dia do abraço, quando vários amigos e clientes se dirigiram ao bar e manifestaram seus apoios ao Léo.

³⁴ Entre os artigos, cito: 1) do arquiteto urbanista Ronald de Almeida Silva, , “O dragão da Maldade da ‘burocracia’ estatal contra o Santo Guerreiro da preservação musical”; 2) de Ricarte Almeida Santos, radialista, “Bar do Léo: apenas 48 horas para acabar, desaparecer”; do produtor musical e economista Celijon Ramos, “O Bar do Léo, a nossa Praça Onze!”,.Além disso, informações eram trocadas pelos clientes através dos blogs.

Como já dito, o bar é frequentado por várias figuras políticas que compõem ou compuseram o cenário político do estado. Além dos poetas e artistas, que não iriam permitir o fechamento daquele espaço de sociabilidade cultural. A “pressão” não parava de aumentar diante de tal ameaça.

Ele pegou o telefone do bolso, o celular do bolso e ligou pra Roseana daqui, bem daqui. Ele disse: “Olha, tô aqui com o Léo e ele tá dizendo que tá regularizado”. Eu não sei o que ela disse pra ele. Ele encheu o peito e disse: “Olha, a partir de agora, poeta, o problema não é mais seu. É meu e da governadora”. Ele encheu o peito: “É meu e da governadora, quem vier lhe procurar aqui, pode dizer isso, não mostre documento, nada, nada. O problema é meu e da governadora”. Ai ele saiu ali. (MARTINS, 2017).

A visibilidade dada em julho daquele ano foi uma grande força para a vitória, não só para o Léo, mas da sociedade maranhense. Perguntei-lhe se depois desse problema o bar conquistou mais cliente. A resposta imediata foi: “Sim”. O ocorrido deu maior visibilidade ao seu bar, divulgando esse espaço diferenciado que temos no nosso estado, e que não poderíamos nos desfazer, pois é um *lugar de memória, lugar de lazer, lugar de sociabilidade*.

Finalizo esse tópico com as palavras de umas das pessoas que mais trabalhou para se ter a permanência do *Bar do Léo*, Ronald de Almeida Silva, arquiteto, urbanista e cliente/amigo, que assim define o período tortuoso de 2009:

Isso me parece que foi aquelas coisas que dá muito no governo, tipo carne fraca, tipo qualquer outra coisa. Diarreia mental da autoridade governamental. Porque o máximo que podiam fazer aqui, é fazer o tombamento desse espaço e fazer um acordo, um termo de compromisso de que o *Bar do Léo* ficaria aqui enquanto tivesse vida [...]. Que ninguém iria tirar ele daqui, que o governo iria ajudar ele com uma mesada mensal para ajudar a catalogar esse acervo. Então, naquela época, o falecido secretário de administração Luciano Moreira alertou, baseado em alguns espíritos de porco nocivos que isso aqui não cabe dentro de uma feira, de um hortomercado. Esse ambiente não era compatível com um hortomercado, que aqui devia ser feira. Essa feira só se mantém porque tem o Bar do Léo aqui, porque a tendência dessas feiras é todas espécies em extinção. Os supermercados, as feirinhas de bairro, a tendência é acabar com as feiras municipais, com raras exceções, a feira da Praia Grande. Então aqui deu esse toque de qualidade, esse chamamento a sociedade. Muita gente que veio ao Bar do Léo não sabia que era uma feira, então muita gente passou a vir na feira porque veio ao Bar do Léo e vice versa. (SILVA, 2017d).

4. CAPITULO 3 - “*Apenas um rapaz Latino americano*”: o baixadeiro que conquistou a boemia ludovicense

“Por isso que eu costumo dizer que não me batizaram e nem me educaram. La não tinha nem colégio e nem igreja (risos)”.

Filho de Leandro Martins e Helena Martins, natural do povoado de Alinhavão, município de Santa Helena, a 382 km de distância da capital, São Luís, no estado do Maranhão, Leonildo Peixoto é o segundo de oito irmãos. Nascido em 11 de outubro de 1951, brincava de peão e empinava papagaio; desde de pequeno ajudava o pai, cuidando dos animas e do comercio da família, estudando apenas até o terceiro ano do ensino fundamental menor.

Chega em São Luís com 16 anos de idade e consegue seu primeiro trabalho em uma sorveteria no bairro do João Paulo, um dia depois da chegada, através do seu irmão Adonildo Peixoto.

O patrão de Adonildo propôs: a gente bota ele aqui, mas diminui teu salário. Por exemplo, Adonildo ganhava como se fosse hoje R\$ 10,00, ele baixava para R\$ 7,50.

[...] Não tinha um festejo de Vargem Grande, São Raimundo? Os picolezeiros levavam os picolés de ônibus daqui pra lá. Empacotado e tal. Então a gente tinha que fazer serão pra abastecer pra eles levarem e num desses serão eu fui flagrado escutando música. Que lá tinha *A Voz de Acuir*. Não era rádio, era a *Voz de Acuir*. La tinha três bocas de ferro dessas (ele mostra uma similar que possui em seu bar), uma pra Caratatiua, um pro Mercado (do João Paulo) e a outra pra Praça Duque de Caxias. Ai eu mexi, mexi lá, curioso, desliguei o som que ia pra cima e fiquei escutando só embaixo. Ai ele me flagrou. Levei um esporro e tal. Ai quando foi no segundo serão eu fiz a mesma coisa e ele me pegou de novo. Na terceira vez, ele já não brigou mais. Me botou foi pra limpar os discos. Ai, por exemplo, com uma quinzena ele me chamava pra mim limpar os discos. Ai eu já não ganhava, ele me dava janta. Quando a gente trabalhava lá, só tinha direito a almoço. Janta era por nossa conta. (...) Ai eu comecei a me especializar em músicas antigas. Só tocava músicas antigas lá. Só bolero...(MARTINS, 2017)

Ainda quando morador da Baixada, Léo começara a frequentar os cabarés, desde criança. Em São Luís, esses espaços se tornam uma de suas principais áreas de lazer. O seu gosto pela música deve-se também aos cabarés, “pois naquele tempo, nos cabarés mais sofisticados tinha banda. As bandas com orquestras.” (MARTINS, 2017). *Leão da*

Noite, foi o primeiro cabaré frequentado por ele ao chegar na capital, mas o cabaré da *Madá* é o que mais aparece nas histórias de Léo.

Trabalhando na Construtora Delta como “cassaco, o que chamam hoje de peão” (MATINS, 2017), ele vai adquirindo experiência, até se fixar no supermercado Lusitana, onde trabalhou por quase dez anos. “Até hoje eu tenho freguês aqui que me conheceu na Lusitana”. Começou ali no depósito, pesando mercadoria, e chegou a subgerente.

Pobreza, trabalho, alcoolismo e gosto pela boemia marcam seu relato de memória. Teve uma passagem rápida pela Cervamar., Vejamos um acontecimento dessa época, por ele relatado:

Eu era a segunda pessoa depois do cervejeiro... quando o cervejeiro se recolhe e tal, quem manda na fábrica é o fiscal. E quando foi uma noite eu liberei cerveja pra piãozada e eu enchi a cara. Ai o gringo chegou de manhã, seis horas da manhã e eu tava bêbado que nem falava. Ai me botou pra rua. Ai eu fui pra Confeitaria Triunfo, que era na Rua Oswaldo Cruz, onde funcionava a matriz. (MARTINS, 2017)

Depois, Léo trabalha por quase dois anos na *Confeitaria Triunfo*, seu último emprego antes de se tornar dono do seu próprio negócio.

Mesmo com o espírito “raparigeiro”, Léo se casa três vezes. A primeira vez, aos 18 anos de idade, precisa da autorização do juizado de menor para casar com Wanda Lima. “Pode casar! Ele não plantou pé de xoxota!”, palavras do tio da Wanda, Léo conta rindo que teve que apressar o casamento apenas três dias depois de conhecê-la, pois tinha antecipado as coisas. Desse casamento vieram dois filhos, Leovânia e Leovan (seu único filho homem, morto ainda jovem). Jucania é fruto do segundo casamento, de 17 anos, com Socorro Moraes. “...por isso que era Bar e Lanchonete Moraes. Ela era Moraes”.

Jandira Moura, hoje ainda presente na vida de Léo, foi sua terceira e última esposa, dando a Léo mais duas filhas: Helena e Alicia. “Hoje a gente se entende melhor do que era quando era casado... e tu sabe que Jandira me ajuda muito e muito. E eu não tenho vergonha de dizer que nós moramos juntos. Cuida de mim como quem cuida de um...” (MARTINS, 2017). Além da presença de Jandira no bar, Léo reconhece os cuidados dela com suas questões de saúde.

Sua vida em cabarés por muito tempo foi acompanhada pela boemia. Léo começou a beber desde a adolescência, por volta dos 16 anos de idade. Alcoólatra em

recuperação, administrando um bar e tendo convívio diariamente com o vício, ele se orgulha em dizer que está há mais de 28 anos sem beber. Em uma manhã, depois de se recuperar de um “exagero”, chorando, promete para Diomar (sua primeira funcionária que passou mais de 10 anos trabalhando no bar) que nunca mais ela iria vê-lo daquele jeito. E o propósito permanece firme até hoje.

Sua vida agitada lhe trouxe, em 2012, um problema grave de saúde. Ficando inconsciente por vários dias, Léo precisou de várias bolsas de sangue para se recuperar de uma diverticulite, que lhe dar uma freada em seu modo de vida. Hoje, com medicação e uma dieta balanceada, brinca dizendo que “de diverticulite eu não morro mais”. Está, também, menos mulherengo.

Léo construiu ao longo dos últimos quarenta anos seu lugar de vida, seu *lugar de memória*, apreciado por muitos. Presenteado pela Câmara Municipal de São Luís, em 19 de agosto de 2015, com o título de *Cidadão de São Luís*, recebeu o reconhecimento de sua determinação e dedicação em manter um espaço que faz parte do cenário boêmio e turístico da cidade.

Assim como Menocchio, personagem objeto, investigado na obra de Carlos Ginzburg, *O Queijo e os Vermes*, Léo é um ser atípico. Mesmo sem escolaridade, ele conseguiu, uma vez que se firmou, e ainda consegue, transitar entre o universo da *cultura erudita* e da *cultura popular*. Consegue discutir, conversar, argumentar (o domínio sobre música é maior que o de muitos frequentadores) com seu público, geralmente de uma escolaridade superior à dele.

Mas para essa *circularidade de culturas* ser concretizada, Léo teve que aceitar o novo, o público, na transação dos anos 80 para os anos 90, quando do seu estabelecimento saem os feirantes (portadores de uma cultura popular) e se instalam os universitários (com uma cultura erudita).

Já se ouvia muitas músicas boas, muitas músicas de rádio. A era da rádio, que a gente chamava as cantoras de rádio, cantores que já eram antigos pra época. Músicas da época de rádio e cantava também um pouco de sertanejo de raiz. (...) a gente tinha uma discoteca na época do vinil, bem variada muito boa. (...) ai nessa história do meu box aqui, o Marcio (Jerry) veio morar aqui no Vinhais [depois ele corrige dizendo que é do Planalto] e ele começou a comprar frango aqui na nossa mão. Ai dele veio Valdemar T, também jornalista (...) ai o pessoal vinha comprar frango e tomava uma cachaça aqui. E não tinha nada disso daqui. E daí a gente veio botando a MPB, tanto eu quanto o Márcio. Isso daí era mais ou menos, sabe que ano? 91, 92. (...) quando acabava o movimento da feira, de ouvir as músicas, eu ia introduzindo

uma MPB. Ai Marcio chegou também. Ai veio Riba, do Poeme-se. (LOPES, 2017)

4.1- Seu Lunga³⁵: representações de Léo pelos frequentadores

“... sou [ignorante] e minha ignorância nunca me fez mal.
Me dou muito bem com ela.
A gente convive lado a lado e
nunca me prejudicou.”

(Leonildo Peixoto Martins, 2017)

Não é difícil você encontrar alguém que considere ou comente que não frequenta o *Bar do Léo* porque ele é “ignorante”, seja através da recusa de um convite feito a alguém, ou até mesmo através de comentários em redes sociais.

Muitos, quando começaram a frequentar o bar, tiveram a mesma impressão, tanto por ações dele, quanto por parte de Jandira. Mas, com o passar do tempo, vai se entendendo o jeito “ignorante” dele de ser. Pessoa de pavio curto, Leonildo não é de levar desaforo para casa e seu jeito explosivo parece não incomodar muitos os clientes assíduos da casa.

Algumas pessoas não entendem as contingências das pessoas, principalmente dono de bar. Dono de bar é aporrinhado pra caramba. Dono de bar carrega essa cruz dos inconvenientes. Então várias pessoas ai tercem críticas a Léo, que ele é impaciente, que acaba sendo grosseiro. Mas comigo não. Ele sempre foi maravilhosamente educado, até delicado. Pessoa muito bacana comigo. Eu entendo, que eu já fui dono de bar também, e já reagi também com impaciência, as vezes até com grosseria com alguns, mas eu prefiro debitar a inconveniência dos fregueses a essa fama que não é justificada de Léo pra alguns. Porque, como eu disse antes, a aporrinhção é grande. Principalmente lá que é o reino da música e todo mundo quer ouvir sua música. Todo mundo acha de pedir alguma música, em cada mesa, cada um na mesa quer ouvir sua música e são muitas mesas e simplesmente não é possível atender a todo mundo e você acaba, injustamente, se aborrecendo com ele e outros que são mais inconvenientes acabam ouvido o que merecem. Eu só quero dizer pra ti que o bar se chama Bar do Léo e que aquilo ali que ele construiu é único, como todos sabem e nós só vamos lá pelas qualidades do Bar do Léo porque o Bar do Léo é daquele jeito e ele é daquele jeito porque foi feito por Léo. Se eu vou pro Bar do Léo porque o bar é daquele jeito, feito por Léo... Porra, porque que vou reclamar de qualquer coisa. Até a possível grossura de Léo poderia ser muito bem

³⁵ No trabalho, “Seu Lunga em cordel: o imaginário e os campos finitos de significação no Folheto de Rouxinol do Rinaré”, Maria Gislene Carvalho Fonseca (2014, p.2) apresenta como “apelido de Seu Joaquim dos Santos Rodrigues, homem que mora em Juazeiro do Norte, Ceará, a 514 km da capital, Fortaleza, dono de uma sucata, que tem um temperamento difícil e que ficou conhecido por esse comportamento, que despertou a contação de histórias cômicas de respostas grosseiras a perguntas mal formuladas, que circulavam pelo boca-a-boca e nos versos dos cantadores”.

vinda pra todos, porque é mais um caráter do bar. É mais uma qualidade do bar, é mais um enfeite do bar. Acrescenta mais no bar. Não vejo nada demais ouvir as grosserias de Léo. Eu acho deliciosas as grosserias de Léo. As pessoas não percebem isso, que elas vão pra um lugar porque aquele lugar chamou a atenção delas com um conjunto de qualidades dali. E Léo não é politicamente correto e nem quer ser [...] mas, eu repito, o bar do Léo é famoso por ele. Pelo o que ele concebeu praquele lugar. Então nós deveríamos ser muito gratos ao Léo por ter criado um ambiente tão delicioso e único como aquele (HAICKEL NETO, 2017).

As palavras desse conseguem sintetizar e apreender o que a maioria dos entrevistados responderam quando o questionamento é sobre a “ignorância” do Léo.

Com pouca escolaridade, Léo começou a trabalhar na infância, e é um empresário avesso ao sistema capitalista. De regra, o sistema capitalista visa ao aumento de rendimentos, lucros; por se tratar de um bar, esse aumento está diretamente associados ao aumento de clientes. A regra é “seduzir o cliente para que ele possa voltar” (SILVA, 2017a). Léo parece trabalhar no sentido contrário. Não estou dizendo que ele expulsa os clientes “novos” do bar, mas ele parece não se importar com falhas que normalmente são evitadas em outros bares da cidade, como cerveja quente, demora nos pedidos da cozinha, atendimento disputado em dias de muito movimento, entre outros.

A vida de um dono de bar é frenética. No caso do *Bar do Léo*, praticamente todas as atividades são gerenciadas por ele. Quem o conhece sabe da enorme dedicação que tem pelo espaço. Apesar de funcionar, durante a semana, somente pela noite, Leonildo sempre está no bar durante o dia, limpando suas peças, CDs, mudando as posições de uma peça para outro lugar, buscando coisas novas para decorar espaço. Inovando.

Recentemente o jornal *O Imparcial* publicou uma matéria identificando os seis bares mais descolados de São Luís e o *Bar do Léo* está entre eles. A matéria, publicada em 11 de abril de 2017, permitia aos leitores descrever seus comentários. “Cavalo batizado” e a grosseria do dono surgiram no espaço dedicado ao leitor. Um dos comentários dizia: “No Bar do Léo, eu não indico... Uma vez ele expulsou toda a freguesia de lá, porque estava com sono e ainda disse: não bebo, não fumo e não fodo mais, cai fora todo mundo, e já foi abaixando as portas na maior grosseria”.

Não vou ali porque ele é ignorante! Não pode pedir música pra ele! Não sei como alguém ainda frequenta aquele bar! Mesmo sem conhecer o lugar, muitas pessoas

deixam de ir ao *Bar do Léo* por causa da sua fama, não se dando oportunidade de comprovar de fato a realidade. “Sempre ouvi essa coisa de que o Léo é grosso, mas já estive lá várias vezes e nunca vi qualquer indício dessa história. Será que tive sorte?” escreve outro leitor.

Como também, hoje em dia, tem várias pessoas que vão ao *Bar do Léo* para querer justificar o título de *Seu Lunga do Maranhão*, provocando-o com atitudes e perguntas, aguardando o retorno esperado.

Sua resposta ao cliente que chega ao bar e perguntar se tem cerveja, pedir uma música já dizendo que ele não tem, sentar na cadeira e botar o pé na outra para ele dizer ao cliente que ali não é a casa dele, são algumas “ignorâncias” que definem Léo. “*Pergunta idiota, tolerância zero!*”

Quando questiono os entrevistados se eles acham que Léo melhorou seu jeito de ser durante esses anos, muitos dizem que ele só deixou de ser mulherengo, mas continua sendo um ser explosivo. Porém, eu percebo que depois do episódio de 2012, ele ficou um pouco mais calmo, presenciando situações nas quais parecia que não estava a fim de se aborrecer, como podemos perceber em um trecho de um relato dele.

É tão tal que uma vez um homem tava se esfregando aqui com uma mulher, botando ela no colo. Sabe o que foi que eu disse pra ele? Pra eles dois? Eu digo:

– Olha, para aqui que vocês tão se excitando e eu vou ficar excitado também. Vocês vão trepar quando saírem daqui e eu vou o que, chupar dedo?

– Não seu Léo, tudo bem.

– Aqui não é lugar disso! (MARTINS, 2017)

As “ignorâncias” de Léo foram justificadas pelos entrevistados como uma forma de manter o padrão do bar. Uma forma de manter a “ambiência boêmia” (FERREIRA, 2017). “Anti dono do bar, vilão dos bares” (SILVA, 2017b), pode ser, mas o bar é a casa dele, a alma dele e ele não tolera algumas situações, o que lhe garante a sua fama de “ignorante”. Léo não te convida para entrar, mas se você entra na casa dele, você precisa seguir umas regras básicas, como não dançar, evitar “amassos”, consumir outras bebidas no outro estabelecimento, entrar sem camisa.

Tá que nem o dia que um cara chegou aqui encima das três horas da manhã, nesse tempo não se tinha horário pra se fechar, de paletó e gravata, um idiota. Paletó e gravata, três horas da manhã no bar... ai mandei dizer pra ele que dava pra servir duas cervejas pra ele. Ai tinha três mesas, já tava até paga as três mesas. Ai terminou as duas cervejas e ele queria mais uma. Ai ele veio aqui no balcão e disse:

– Boa noite!

Eu disse: – Bom dia! (que já era de madrugada).

Ele disse: – Quem é o Léo?

Eu disse: – Sou eu.

– Como é que você fecha sua casa cheia de gente?

Eu digo: – Pra mim cheia é quando tá lotado e aqui tem três mesas e já tão pagas e já tão indo embora.

Ele disse: – Você sabe com quem tá falando?

Eu disse: – *Com certeza não é cliente do bar. Se fosse cliente do bar, sabia quem era o Léo e sabia as normas do bar.* Já fui cortando embaixo.

Ele disse: – Pois olha, eu sou assessor de desembargador fulano de tal.

Eu disse: – Tá mais fudido que eu, que tu é empregado e eu não sou. (risos)

E o cara que tava com ele disse: – Rapaz, tu paga tua conta e vamos embora (MARTINS, 2017, grifos meus).

Uma das regras da casa, que muitos clientes confundem com “ignorância”, é sobre o momento em quem ele toca o Hino do Maranhão. Faz questão de tocar em todas as noites gerenciadas por ele – Jandira não tem o hábito de tocar. Depois disso, não serve mais uma cerveja sequer, para qualquer cliente que esteja na casa. Tradição antiga no bar, Léo se espelhou na época em que trabalhava na sorveteria, no João Paulo. O programa *A voz de Aquir*, que tinha uma hora de duração, começo da manhã e final de tarde, tinha sua música de abertura e encerramento. “Eu frequentava um cabaré que quando tocava determinada música, já sabia que ia encerrar”. (MARTINS, 2017)

“O Léo não agrega muito. O que agrega é o espaço, é o ambiente, é as pessoas que frequentam, a comida também agrega, a música 100%” (PINHEIRO, 2017a). Se muitos clientes permanecem frequentando o bar, vários deixaram de ir por conta das ignorâncias dele. Registro aqui que não é porque você é um cliente conhecido do bar que você vai estar imune às regras. Alguns entrevistados deixaram pelo ar que certos clientes pararam de frequentar porque o clima esquentou para o lado deles, em algum momento. Entretanto, outros relatam que já presenciaram ou até mesmo tiveram alguma discussão com Léo, mas deixam aquele momento no bar, voltando depois como se nada tivesse acontecido.

Já ouvi relatos de maus tratos por parte dele. Vários amigos foram mal tratados por ele, mas comigo nunca rolou. Ao contrário. O cara me trata super bem, tipo o jeito bem de Léo. O jeito bem Léo [risos]. [...] Teve dois que estavam jogando xadrez, só que eu acho que não tinham dinheiro pra pagar chopp e levaram um vinho. Ficaram lá no finalzinho, naquele recuo. Dois amigos nossos da UFMA. Foram pra lá, o bar vazio praticamente e Léo chegou:

– “Vocês estão pensando que aqui é pra fazer piquenique?”

[...] retornam de vez em quando, porque são caras de pau mesmo, não ligam pra esse tipo de ataque (SOUZA, 2017).

Leonildo parece não se importar com os comentários que circulam sobre seu jeito de ser, pelo contrário, cada vez que ele consegue mandar uma bola dentro, respondendo o que acha conveniente, narra o ocorrido para o primeiro conhecido com um sorriso de satisfação, bate no peito e diz: “Cada dia que passa me orgulho mais de mim!” Justifica suas respostas dizendo que alguns clientes são inconvenientes.

Percebe-se um Léo que já incorporou um discurso - que através da oralidade está sempre circulando -, o qual construiu um personagem a partir do local que ele ocupa dentro de um espaço de sociabilidade diferenciado na cidade de São Luís.

Tinha acabado de quebrar uma garrafa de cerveja e o bar estava lotado. Ao recolher os estilhaços dos vidros, um cliente passa e diz:

– Eita Léo, quebrou, né?

– Não, tá inteiro!

Porra, o cara tá vendo que eu tava juntando os cacos de vidro e me vem com uma pergunta dessas? Será que ele não foi inconveniente? Aí depois dizem que sou ignorante. (MARTINS, 2017)

Esse é uma de várias histórias narradas pelo próprio Léo para justificar seu jeito ímpar de ser.

4.2- Bar do Léo sem Léo?

“Até onde eu sei, a cabeça que me falhou foi a de baixo, não a de cima.”

(Leonildo Peixoto Martins, 2017, ao responder sobre não ter vontade de catalogar seu acervo)

A pergunta o *Bar do Léo* sem o Léo vai existir? Foi a questão mais delicada, respondida por muitos dos entrevistados, que têm o *Bar do Léo* e o próprio Léo como parte das suas vidas. E é delicado também escrever sobre isso.

Às vésperas de completar 40 anos de funcionamento, Léo dedica sua vida cuidando, investindo, organizando o espaço do seu bar sem nenhuma contribuição de órgãos municipais ou estaduais. Investimento, às vezes muito alto, a exemplo do carro de boi que preferiu não divulgar o valor. Léo não para de buscar peças novas para expor, comprar coletâneas de CDs de grandes artistas nacionais e internacionais (normalmente são caras), melhorar o espaço para seus clientes. Recentemente, finalizou a construção de um banheiro para deficientes, reformou o teto do banheiro masculino e

trocou o azulejo do banheiro feminino. De fato, as reformas são necessárias quando se precisa, mas, no caso de Léo, às vezes ele não espera esse momento chegar.

Em 2012, quando teve um problema grave de saúde, vimos a dedicação da sua filha mais velha (Leovania) e da sua ex-esposa, hoje amiga, Jandira. E foi graças a essa “nova administração” que Léo conseguiu se recuperar financeiramente. Apesar de ter deixado de beber há mais ou menos 28 anos, ele nunca deixou de fazer o que gostava: namorar. *Dinheiro na mão é vendaval!* e assim foi por muito tempo para Léo. Hoje ele concentra seus investimentos no bar.

Não. Não porque Léo padece de um problema, que eu falava pra ele agora a pouco, das nossas famílias tradicionais de São Luís, inclusive a minha família. Nós não preparamos sucessores para suceder nossos negócios. Então tudo que tem aqui Léo sabe de cabeça. A pobre da Jandira, coitada, pra ela aprender aonde tem música aqui... até hoje ela se desespera e liga: Léo, Leonildo a música tal, eu não consigo...? Ai ele vai, dá o passo todo e ela vai. Então sem o Léo isso aqui não vai [...] Logicamente isso aqui não funciona sem o Léo. Ele precisa formar um sucessor. [...] Não, ele não está formando ninguém. Talvez Jandira, talvez Jandira, se ela amar isto aqui, ela consegue levar o troço. Outra pessoa eu não vejo. Porque Jandira? Porque tá com ele o tempo todo. Na alegria e na tristeza. Conhece. E se ela tiver amor por aqui, que também não sei, ela é capaz de... só vejo Jandira. [...] ele não está preparando Jandira pra sucedê-lo. Ela tá aqui aprendendo na tora, na marra, porque ela é esforçada e não quer ver a peteca cair. E isso daqui é das filhas dela. Eu posso até imaginar ela dizendo: - “Não, isso é o sustento das minhas filhas, a peteca não pode cair.” [...] Mas respondendo sua pergunta, só vejo Jandira. Léo não está preparando, ela pode está se preparando (RIBEIRO, 2017b)

Jandira fica à frente do bar nas noites de sextas e sábados, ou quando ele está indisposto, e tenta agradar ao público que ali se dirige. Mas, infelizmente, nem Léo consegue atender a todos os pedidos por não encontrar a música no mesmo momento. Como já havia dito, ele não costuma ficar parado e tem a mania de sempre trocar as posições dos CDs, o que dificulta para Jandira encontrar algum pedido de forma mais rápida.

Talvez, esse trabalho de localizar algum cantor ou música possa ser resolvido pelo sucessor, organizando os CDs em ordem alfabética, por exemplo. Um trabalho que iria requerer tempo e dedicação, mas que também seria um prazer para quem ama música.

A preocupação maior dos que acreditam que não vai existir o bar sem Léo vem mais da ideia de que não haverá mais investimento no campo da música e do visual. Léo

costuma ir atrás do que há de novo e normalmente esse novo é exposto quando ele está no bar. Então, às vezes, até a própria Jandira desconhece as novidades musicais adquiridas recentemente.

Sobre o visual, os entrevistados apontam duas questões: a primeira é que sem o Léo provavelmente vai se estagnar o investimento em novas peças; a segunda é que talvez só o próprio Léo consiga perceber espaços novos, muitas vezes mudando as peças de lugar, para criar lugar para os novos investimentos. Se não bastasse o pouco espaço livre que existe no bar, Léo está querendo fazer um espaço do Boi de Morros.

Deve ter uns dois, três anos que ele me pediu. Prometi a ele que eu vou dar. Porque não se deu ainda? Por coincidências nós fizemos três bois consecutivos pintados, não bordados [...] No ano passado [2016] nosso boi foi bordado, e nós estamos na expectativa de ser um boi que vai ser doado pro Léo (RIBEIRO, 2017b).

Porque é um espaço já consolidado no meio boêmio e cultural da cidade, muitos acreditam que os próprios frequentadores assíduos, e os que respeitam a figura de Léo e seu bar, iram preservar esse espaço de lazer, ajudando a evitar situações ou transformações que talvez não fossem permitidas pelo Léo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Léo também cumpre as regras necessárias para manter o bom funcionamento do seu bar. Finalizou recentemente um banheiro para cadeirantes. Talvez seja um dos poucos bares que se preocupa em pagar o Ecad, imposto cobrado sobre cada música tocada para um público.

Outro exemplo significativo de ser ele um cumpridor de regras é ter visível cinco licenças exigidas pelos órgãos do município e do estado: alvará de funcionamento, licença do corpo de bombeiros, licença ambiental, licença de costumes, licença de saúde e vigilância. A placa que sinaliza *Saída de Emergência*, exigida em todo estabelecimento que trabalha com público, está em meio à decoração do bar.

Fiel depositário (SILVA, 2017c), seja dos LPs, máquinas de escrever, da moto em madeira que está atrás do balcão, muitos consideram o *Bar do Léo* o melhor local para guardar suas memórias.

A superação, o jeito peculiar e o conhecimento musical de Léo também inspiram o frequentador. O artista que deu cor às paredes do estabelecimento, Alexandre, hoje possui um bar em Alcântara – MA e diz que muito das músicas e imposições presentes no bar que criou vieram do convívio com Léo. Marco Antônio Brito, Dj nas horas vagas, começou seu interesse por discotecagem após Léo lhe ceder vários LPs que tinha em duplicata no seu acervo. Marcão, como é conhecido na noite ludovicense, participa de eventos musicais na cidade.

Léo é um *caso limite*, no sentido guinzburguiano, que conseguiu construir um acervo, com ênfase no musical, que foge à regra por ainda está recriando esse espaço em meio a uma visível e rápida transformação cultural que acontece freneticamente.

Bar do Nelson, Cachorro Quente do Souza, Chico's Discos são outros exemplos de importantes e diferentes espaços de lazer presentes na cidade de São Luís, que podem ser trabalhados sobre vários aspectos, e que podem contribuir para entender a dinâmica da noite de São Luís no tempo presente.

Um ambiente cuidado seja por seus frequentadores ou pelos feirantes (no turno matutino), uma vez que os objetos ficam expostos diariamente sem “nenhuma segurança”, o espaço *Bar do Léo* é um lugar peculiar na cidade.

Com seu balcão atrativo, muitas vezes disputado pelos homens, Léo tem prazer de contar as histórias ocorridas no bar, para conhecidos ou não. Bar que rompe com a

modernização musical, ele mantém um padrão no qual os frequentadores – assíduos e novos – conseguem compartilhar uma São Luís que não é.

Eu e Cordeiro, e Cordeiro já falou pessoalmente com o governador, já faz mais de ano, que era necessário, preciso e imprescindível fazer uma espécie de apoio cultural ao *Bar do Léo*. Pode ser através da Lei de Incentivo à Cultura, pode ser de outra forma. Pode ser como prestação de... pode ser qualquer coisa. Não tem uma fórmula jurídica pré-definida, mas que tem que ter uma forma pra preservar esse acervo. Esse é um acervo do Maranhão, é acervo musical, de música brasileira, não é só musica maranhense [...] Então, aqui nós precisamos é fazer um acordo com o Léo para que tudo isso seja catalogado. Aqui tem joias raras que não tem em muitos lugares e o Maranhão, dentre vários atrasos que nós temos, apesar do valor da cultura maranhense, nós não temos o museu da imagem de som... [...] com a preservação de todo o acervo cultural, musical e iconográfico daqui, da Academia Musical Bar do Léo e de modo que seu Léo possa, ao longo de sua existência ter uma assistência médica, ter uma assistência técnica pra que ele e sua família. Ele tem quatro filhas, pra que ele possa deixar esse legado pras filhas e pra todos nós, que somos frequentadores aqui do Bar do Léo. [...] Aqui nós precisávamos que no Bar do Léo, fazer como disse Guilherme de Brito, letrista da música de Nelson Cavaquinho: *Se alguém quiser fazer por mim, que faça agora. Me dê as flores em vida, o carinho, a mão amiga para eu aliviar meus ais. Depois que eu me chamar saudade, não preciso de vaidade só de preces e nada mais* (SILVA, 2017b, grifos meus).

REFERÊNCIAS

Entrevistas

BOGÉA, Gutemberg Marques, *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em maio de 2017.

BORGES, Mayron Regis Brito, *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em março de 2017

BORRALHO, Cesar. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em fevereiro de 2017

CAMPOS, Antônia. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em abril de 2017

COSTA, Ana Claudia dos Santos. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em Fevereiro de 2017a.

COSTA, Áurea Maura Araújo Brandão da. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em março de 2017b.

COSTA, Inácio Araújo. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em março de 2017c

COSTA, Wagner Cabral. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em março de 2017d.

DUAILIBE, Murilo Felix. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em fevereiro de 2017.

FERREIRA, Marcia Milena Galdez. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em fevereiro de 2017.

HAICKEL NETO, Elias. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em março de 2017.

LOIOLA, Julicy. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro* Entrevista concedida em abril de 2017.

MARTINS, Leonildo Peixoto. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, ao longo do primeiro semestre de 2017.

MORAES, Jonas Rodrigues de. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em março de 2017.

MOTA, Elba Fernanda Marques. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em março de 2017.

NUNES, Heriverto. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em março de 2017.

OLIVEIRA, Danyele. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em fevereiro de 2017.

PEREIRA, Carlos. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em março de 2017.

PINHEIRO, Antônio Anízio. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em março de 2017a.

PINHEIRO, Silvio Sergio Ferreira. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em fevereiro de 2017b.

RIBAMAR FILHO, João Batista. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em abril de 2017.

RIBEIRO, José de Ribamar Elvas. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em fevereiro de 2017a.

RIBEIRO, Oswaldo Boabaid. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em março de 2017b.

RAMOS, Celijon Abreu. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em março de 2017.

SALDANHA, Vinicius. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em março de 2017.

SANTOS, Ricarte Almeida. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em fevereiro de 2017.

SILVA, Alexandre Gomes da. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em abril de 2017a.

SILVA, Jonata Carvalho Galvão. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em fevereiro de 2017b.

SILVA, José Mairton Barros da. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em fevereiro de 2017c.

SILVA, Ronald de Almeida. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em março de 2017d.

SOUSA, Nézia. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em abril de 2017.

SOUZA, Carlos Cesar Teixeira. *Entrevista concedida a Matilde Coqueiro*, em abril de 2017.

Jornais/ Blog

COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE (CMF). Boletim da CMF n. 46. São Luís, jun. 2010.

JINKINGS, Edwin. O Museu da música no bar. *O Estado do Maranhão*. São Luís, 1 de ago.1999. Caderno Alternativo.

RAMOS, Celijon. Blog: <http://soblonicas.blogspot.com>,

RIBEIRO, Zema. Blog: oimparcialblog.com.br/zemaribeiro/

SANTOS, Ricarte Almeida. Blog: <https://ricochoro.wordpress.com/author/ricochoro/>

SILVA, Ronald de Almeida. Blog: ronalddealmeidasilva.blogspot.com/

Bibliografia

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

_____. **Manual de História Oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

_____. Fontes orais. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

CAVALCANTE, M.L.V.C; FONSECA, M.C.L. **Patrimônio Imaterial do Brasil – Legislações e Políticas Estatais**, Brasília: Unesco, Educarte, 2008.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

FIGUEIREDO, Marina Dantas de. **A mulher em ambientes de identidade masculina: novas formas de produção simbólica do discurso feminino ou da dominação masculina?** XXXIII Encontro da ANPAD. São Paulo. 2009.

FREIRE, Karla Cristina Ferro. **Que reggae é esse que jamaicanizou a “Atenas Brasileira”?** São Luís-MA, Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, 2010 (Dissertação de mestrado)

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. **Historiæ**, Rio Grande, 2012, 3 (3): 27-46

GUINZBURG, Carlo. **O queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LORIGA, Sabina. A tarefa do historiador. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHIMIDT, Benito Bisso (orgs). **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro: FGV, Ed. UFRGS, 2010. p.31-45.

_____. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogo de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249.

MAGNANI, J.G.C. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez.1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, E.D; TEDESCHII, A.L. Nos Caminhos da Memória, nos Rastros da História: Um Diálogo Possível. **Rascunhos Culturais**. Coxim/MS. v.2, n.4, jul/dez.201, p.45-54

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v.2, n.3,1989, p.3-15.

_____. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v.5, n.10, 1992, p.200-212.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

RIBEIRO JÚNIOR, José Reinaldo Barros. **Formação do espaço urbano de São Luís**. São Luís: Func, 1999.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil para a de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995, pp 71-99

_____. SCOTT, Joan Wallach. In: Peter Burke (org.). **A escrita da História**. Novas perspectivas São Paulo: Unesp, 2 ed. 1992, p. 63-96

SOIHET, Rachel; PEDRO, J.M. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, n° 54, 2007, p. 281-300.

VELASQUES, Muza Clara Chaves. **A Lapa boemia: um estudo da identidade carioca**. Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós Graduação em História Social. 1994 (Dissertação de Mestrado)

APÊNDICE 1

ROTEIRO de ENTREVISTA FREQUENTADORES

- Como e quando conheceu o *Bar do Léo*?
- Você se considera um frequentador assíduo? Por que?
- Deixaste de frequentar em algum momento? Por que?
- Tinha outras opções de lazer na cidade? Porque o *Bar do Léo*?
- Sabemos do jeito impar do Léo. Você pode relatar umas histórias de balcão (que aconteceu com você ou com algum cliente)? (Quando você viu ele perdendo a paciência, por exemplo. Ou até mesmo o contrário, quando ele manteve).
- Ao longo desses anos, você acha que o jeito Léo melhorou???
- Politicamente falando. Sabemos que o bar é frequentado (ou foi mais) por pessoas envolvidas em movimentos sociais, políticos, da educação... O que o *Bar do Léo*, na política, te representa??
- Tenho poucos relatos da segunda feira no *Bar do Léo*. Poderia, caso tenha frequentado as segundas, me relatar como era?
- Quem é o frequentador do *Bar do Léo*? (perfil). Você acha que esse perfil mudou?
- Sobre a intenção de fechar o *Bar do Léo* em 2009. Como frequentador, poderia relatar como foi esse momento para você?
- Você acha o *Bar do Léo* caro?
- Quem é o Léo (pessoa) pra você?
- O que o *Bar do Léo* significa pra você??
- Você acha que existirá o *Bar do Léo*, sem Léo?

APÊNDICE 2

QUADRO INFORMATIVO DOS ENTREVISTADOS

NOME/TEMPO DE ENTREVISTA	IDADE/TEMPO DE FREQUENCIA	ESCOLARIDADE/PROFISSÃO	BAIRRO	CHEGADA AO BAR DO LÉO
Ana Claudia dos Santos Costa. 23 min	50/17 anos	Especialista em História /Professora de História	Cohab (na época) Vinhais(atual)	Amigos da graduação
Áurea Maura Araújo Brandão da Costa 25min	49/15 anos	Graduação em História e Direito/Servidora Pública Estadual	Turu Natural do Piauí.	Indicação de Amigos
Alexandre Gomes da Silva 1h e 32min	41/20 anos	2º grau completo/Artista empresário	Morador na época do Vinhais, mas atualmente mora em Alcântara -MA	O irmão tem um box na feira
Antônia Campos 16 min	67/38 anos	Empresária (Supermercado Cobal Campos e Costa Ltda)	Vinhais	Proprietária de um box na Cobal
Antônio Anízio Pinheiro 20 mim	34/12 anos			Através do amigo Eurípidés.
Carlos Cesar Teixeira Souza Entrevista por e-mail	64/20 anos	Graduação Jornalismo/Jornalista, Poeta e Compositor	Tirirical	Marcio Jerry
Carlos Pereira 22 mim	46/15 anos	Graduação em Economia/Tijupá, Músico (hacord)	Cohatrac	Através do amigo Eurípidés.
Celijon Abreu Ramos 36mim	49/20 anos	Graduado em Economia/Economista e Produtor Cultural	Na época, morador da Cohab Altos do Calhau	Amigos da da graduação.
Cesar Borrvalho Entrevista por e-mail	37/18 anos	Mestrado em Filosofia/Professor da UEMA	Parque Athenas	Indo na feira da Cobal/ Sozinho

Danyelete Oliveira 11min	40 /17 anos	Graduação História/ Servidora Pública Estadual	Na época, moradora da Cohab	Amigos da graduação
Elba Mota 14min	32/12 anos	Graduação em História/Doutoranda em História	Jardim Tropical	Amigos da graduação
Elias Haickel Neto 34min	58/27 anos	Graduação em Direito/Empresário	São Francisco	Indicação de Joãozinho Ribeiro
Heriverto Nunes 11min	29/11 anos	Graduação. em Teatro Licenciatura– UFMA/Professor/Composito r/Cantor	Anil	Amiga Tassia Pires
Inácio Araújo Costa 12 min	41/18 anos	Especialista em Literatura Brasileira/ Professor da Seduc –MA	Recanto dos Vinhais	Com um amigo
Jonas Rodrigues de Moraes 20 min	44/ 1 ano	Doutor em História/ Professor UFMA Campus Pinheiro/ Músico	Teresina/ Pinheiro	Amigos músicos
Jonata Carvalho Galvão da Silva 18min	32/13 anos	Graduação em Direito/ Secretaria de Direitos Humanos	Vinhais	Amigos da graduação
José de Ribamar Elvas Ribeiro 20 min		Sonoplasta (aposentado)	Vinhais	Frequentando a Cobal.
José Maiton Barros da Silva 35 min	58/18 anos	Doutor/prof. Dept de Matemática UFMA	Vinhais	Amigos da Universidade (Ciências Sociais)
João Batista Ribamar Filho Entrevista por email	61/37 anos	/Servidor Público Federal	Na época, morador do Vinhais	Era morado do Vinhais na época
Julicey Loiola 26 min	45/	6ª série do Segundo Grau/Empresário – Box na COBAL (Cabelereiro)	Gapara	
Márcia Milena Galdez Ferreira 54min	38/18 anos	Doutorado/Prof. UEMA – História.	Recanto dos Vinhais	Amigos da graduação
Mayron Regis Brito Borges 60 min	43/	Graduado em Jornalismo/Jornalista	Monte Castelo	Amigos da graduação

Murilo Felix Dualibe 55mim	55/32 anos	Graduado/Microempresário	Cantinho do Céu	Por ser gerente da CEASA, na época
Nezia Sousa 1h:07min	33/17 anos	2° grau Completo/SEMCAS	Anil	Foi funcionária do Bar do Léo até 2015(períodos)
Oswaldo Boabaid Ribeiro 32min	57/não soube precisar	Empresário	Vinhais	Amigo do Léo da época da Lusitana
Paulo Roberto Moreira Lopez 7 min	55/27 anos		Bequimão	Possuía um box na Cobal
Ricarte Almeida Santos 20mim	49/27	Mestre/Radialista e Produtor Cultural	Calhau	Márcio Jerry
Ronald de Almeida Silva 2h:04min	70/18 anos	Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo/Arquiteto, Urbanista	Rio de Janeiro Angelim	Através da BARATONA
Silvio Sergio Ferreira Pinheiro 49mim	49 /25 anos	Mestre/ Cientista Político	Ipase	Marcio Jerry, Joãozinho Ribeiro, Marcelo Carneiro
Vinicius Saldanha 32 mim	/16 anos	Graduado em Educação Física/Professor de Educação Física, Técnico de Futebol		Amigos
Wagner Cabral Costa 42mim	46 /22 anos	Mestre/Professor Universitário UFMA/ História	Maranhão Novo	Amigos da Universidade